

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Thamires Pereira Barbosa**

**ESTILOS PARENTAIS DE ORIGEM, APEGO E CARACTERÍSTICAS  
DE PERSONALIDADE DE MULHERES QUE PASSARAM POR  
VIOLÊNCIA CONJUGAL**

Santa Maria, RS,

2019

**Thamires Pereira Barbosa**

**ESTILOS PARENTAIS DE ORIGEM, APEGO E CARACTERÍSTICAS DE  
PERSONALIDADE DE MULHERES QUE PASSARAM POR VIOLÊNCIA  
CONJUGAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção de grau de **Mestre em Psicologia.**

Orientador: Prof. Dr. Silvio José Lemos Vasconcellos

Co-orientadora: Prof. Dra. Samara Silva dos Santos

Santa Maria, RS,

Brasil 2019

Barbosa, Thamires Pereira  
ESTILOS PARENTAIS DE ORIGEM, APEGO E CARACTERÍSTICAS  
DE PERSONALIDADE DE MULHERES QUE PASSARAM POR VIOLÊNCIA  
CONJUGAL / Thamires Pereira Barbosa.- 2019.  
67 p.; 30 cm

Orientador: Silvio José Lemos Vaconcellos  
Coorientadora: Samara Silva dos Santos  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2019

1. Violência contra a mulher 2. Estilos parentais de  
origem 3. Apego 4. Personalidade 5. Avaliação psicológica  
I. Lemos Vaconcellos, Silvio José II. Silva dos Santos,  
Samara III. Título.

**Thamires Pereira Barbosa**

**ESTILOS PARENTAIS DE ORIGEM, APEGO E CARACTERÍSTICAS DE  
PERSONALIDADE DE MULHERES QUE PASSARAM POR VIOLÊNCIA  
CONJUGAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Psicologia.

**Aprovado em 27 de fevereiro de 2019:**

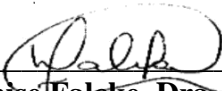
---

**Silvio José Lemos Vasconcellos, Dr. (UFSM)  
(Presidente/ orientador)**

---

**Caroline Rubin Rossato Pereira, Dra. (UFSM)**

---



**Denise Falcke, Dra. (Unisinos)  
Participação via videoconferência**

**Santa Maria, RS  
2019**

## **Dedicatória**

Ao meu primo Sidney Moreira, que nos deixou ao longo dessa jornada por conta da brutalidade da violência urbana que convivemos nesses tempos difíceis. Sua ausência me ensinou que cada instante da vida é único e que devemos aproveitar ao máximo a companhia das pessoas que amamos! Ao meu tio Matus Alem G. Pereira, que não se faz mais presente no meio da nossa família, mas que deixou como legado o seu sorriso e a sua maneira de viver a vida: sempre leve e disposto à contornar todos os obstáculos com calma e tranquilidade! Ambos marcaram a minha trajetória no mestrado! Por fim, à todas as mulheres, mães, filhas, esposas, trabalhadoras e guerreiras que enfrentam os mais diversos tipos de violências diariamente! À elas e por elas esse trabalho!

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente ao meu orientador professor Dr. Silvio José Lemos Vasconcellos por todo ensinamento ao longo desses dois anos de mestrado, pela confiança e pela oportunidade de ser sua orientanda e de poder ter tido diferentes experiências envolvendo a carreira acadêmica. Muito obrigada professor, és um exemplo de mestre e de pesquisador pra mim!

Agradeço também à minha co-orientadora professora Dra. Samara Silva dos Santos pelas suas contribuições ao longo da construção desse trabalho. Muito obrigada por ter aceitado colaborar com a minha caminhada no mestrado!

Agradeço às estudantes de Psicologia Aniara Dornelles, Juliana Maliska, Katiussa Lencina, Bruna Fragoso, Thays Lauz, Vanessa Lucchese e às psicólogas Claudia Dayeni e Rayssa Brum pelo interesse nesse estudo e pela contribuição na coleta dos dados. A ajuda de vocês foi essencial para o desenvolvimento desse trabalho!

Agradeço também às delegadas e às equipes das Delegacias de Atendimento à Mulher da cidade de Santa Maria/Rs e de Uruguaiana/RS. Obrigada por disponibilizarem o espaço e acreditarem junto conosco nesse trabalho!

Agradeço aos componentes do grupo PAACS por todo acolhimento e pela ajuda ao longo do mestrado. Em especial, agradeço à minha colega de mestrado Patrícia Rosso por toda ajuda e companheirismo em todas as etapas da pesquisa.

Agradeço às minhas colegas de mestrado Alessandra Zimmermam, Luísa Rosa, Mônica Machado e Renata Brondani por terem me acolhido desde o início do mestrado, e por tornarem essa caminhada mais leve e repleta de afeto!

Agradeço ao meu pai Paulo Roberto Ramires Barbosa, à minha mãe Maria do Horto Pereira Barbosa, à minha irmã Zayriele Barbosa e à minha sobrinha Maria Júlia J. Barbosa por todo amor, apoio e incentivo que me dão para ir em busca dos meus sonhos!

Em especial, agradeço ao meu namorado Mikael A. Corrêa, colega de profissão e dessa jornada, por toda ajuda, paciência e por me incentivar a seguir indo atrás dos meus objetivos! Obrigada por ser meu companheiro sempre e por toda cumplicidade que tens comigo!

Por fim, agradeço à Deus por toda a força que me dá diariamente para ir em busca dos meus objetivos e por me proporcionar tantos momentos enriquecedores ao longo dessa jornada!

*“Não te aflijas com a pétala que voa:  
também é ser, deixar de ser assim.  
Rosas verá, só de cinzas franzida,  
mortas, intactas pelo teu jardim.  
Eu deixo aroma até nos meus espinhos  
ao longe, o vento vai falando de mim.  
E por perder-me é que vão me lembrando,  
por desfolhar-me é que não tenho fim.”*

Cecília Meireles, 1945 (Poema 4º Motivo da Rosa)

## RESUMO

### ESTILOS PARENTAIS DE ORIGEM, APEGO E CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE DE MULHERES QUE PASSARAM POR VIOLÊNCIA CONJUGAL

AUTORA: Thamires Pereira Barbosa

ORIENTADOR: Silvio José Lemos Vasconcellos

CO-ORIENTADORA: Samara Silva dos Santos

A violência contra a mulher é atualmente considerada uma problemática de saúde pública, que muitas vezes perpassa gerações. Sendo assim, são necessários estudos que busquem compreender fatores desenvolvimentais e geracionais entre mulheres vítimas de violência conjugal. Nesse sentido, este estudo teve como objetivo avaliar os estilos parentais de origem, tipos de apego e a personalidade de mulheres vítimas de violência conjugal. Foram investigados os estilos parentais através do Inventário de Estilos Parentais (IEP) e os tipos de apego através da Escala de Estruturas Relacionais (ECR-RS). Os traços de personalidade foram investigados através do instrumento NEO-FFI-R (versão reduzida do NEO-PI-R), a fim de explorar possíveis relações entre os tipos de apego e a personalidade das participantes. A partir dos resultados foi possível constatar que a amostra apresentou em sua maioria práticas parentais de risco (por parte dos cuidadores), tipos de apego para diferentes figuras relacionais, exceto em relação ao namorado. Além disso, foi encontrada uma correlação negativa entre amabilidade e apego inseguro global, e uma associação entre neuroticismo e os tipos de apego no namoro. O presente estudo ressalta a importância de investigar aspectos da família de origem que podem atuar como fatores de risco ou de proteção em situações de violência conjugal.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Estilos parentais. Apego. Personalidade.



## **ABSTRACT**

### **PARENTING STYLES OF ORIGIN, ATTACHMENT AND PERSONALITY TRAITS OF WOMEN WHO PASSED THROUGH CONJUGAL VIOLENCE**

**AUTHOR:** Thamires Pereira Barbosa

**ADVISOR:** Silvio José Lemos Vasconcellos

**CO-ADVISOR:** Samara Silva dos Santos

Nowadays, violence against women is considered a public health issue, which often goes through generations. Therefore, studies are needed to better understand developmental and generational factors among women victims of conjugal violence. Therefore, this study aimed to evaluate the parenting styles of origin, attachment types and the personality of women victims of conjugal violence. Parental styles were investigated through the Parenting Styles Inventory (IEP) and attachment types through the Relationship Structures questionnaire (ECR-RS). The personality traits were investigated through the NEO-FFI-R instrument (reduced version of NEO-PI-R), in order to explore possible relations between the attachment types and the personality of the participants. The results show that participants presented mostly risk parental practices (by their parents), and also secure attachments in the different relational figures, except to the boyfriend figure. In addition, a negative correlation was found between agreeableness and global insecure attachment, and an association between neuroticism and attachment types in dating. The present study emphasizes the importance of investigate aspects of the family of origin that can act as risk or protection factors in situations of conjugal violence.

**Keywords:** Violence against women. Parenting styles. Attachment. Personality.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grau de escolaridade da amostra.....	19
Tabela 2 - Frequências dos estilos parentais de origem da amostra .....	22
Tabela 3- Média da Classificação Dimensional dos Tipos de Apego Primário. ....	25
Tabela 4 – Porcentagem dos tipos de vínculos na amostra (%) .....	25
Tabela 5 - Pontuação do NEO-FFI-R .....	27

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2 REVISÃO TEÓRICA .....</b>	<b>3</b>
2.1 Violência contra a mulher .....	3
2.2 Transgeracionalidade da violência e estilos parentais .....	7
2.3 Tipos de apego e personalidade .....	11
<b>3. OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS .....</b>	<b>15</b>
3.1 Objetivo geral .....	15
3.2 Objetivos específicos .....	15
<b>4 MÉTODO .....</b>	<b>16</b>
4.1. Delineamento .....	16
4.2 Participantes .....	16
4.3 Instrumentos .....	16
4.4 Coleta de dados .....	17
4.5 Análise de dados .....	18
4.6 Procedimentos éticos .....	18
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>44</b>
ANEXO A- Termo de consentimento livre e esclarecido.....	44
ANEXO B - Questionário de estruturas relacionais – (ECR-RS).....	48
ANEXO C - Ficha sociodemográfica e dados gerais da violência .....	50
ANEXO D - Parecer consubstanciado do comitê de ética.....	55

## 1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher tem sido um tema bastante estudado devido à sua grande ocorrência em diferentes contextos e culturas, como também à complexidade dos fatores envolvidos neste problema de saúde pública (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2013, p. 2). A literatura sobre a temática destaca que mesmo após a criação da Lei Maria da Penha (11.340), que completou 12 anos em 2018, ainda existe uma alta incidência de violência, causando grave sofrimento não só para as vítimas como para os demais envolvidos, como por exemplo, os filhos (LEITE; et al., 2017).

Percebe-se, também, que muitas vezes a vítima não consegue realizar a denúncia contra o agressor nas Delegacias, por depender financeiramente do cônjuge, ter medo de que as agressões se intensifiquem e/ou por ter dependência emocional do companheiro (PORTO; BUCHER-MALUSCHKE, 2014). Nesse sentido, é importante destacar alguns fatores que estão envolvidos nessa situação como, por exemplo, questões de gênero, classe social, grau de escolaridade, ocupação, negligência e violência na infância. Entende-se que todos esses aspectos devem ser analisados para uma maior compreensão da violência contra a mulher (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Em relação à violência na infância, alguns autores apontam que crianças que se desenvolvem em contextos violentos podem vir a compreender que esta é inerente aos relacionamentos conjugais (FALCKE; FERES-CARNEIRO, 2011; (MADALENA; CARVALHO; FALCKE, 2018). Dessa forma, podem desenvolver comportamentos agressivos, tais como os do agressor - que na maior parte das vezes é do sexo masculino - ou reproduzir o papel de submissão, sem compreender os fatores de risco que surgem de uma relação violenta (MENEZES, 2011). Entretanto, é importante destacar que nem todas as pessoas que passam por violência ao longo da infância irão desenvolver tais comportamentos, uma vez que podem contar com fatores de proteção e de resiliência que possibilitarão um desenvolvimento saudável (JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003).

As primeiras fases do desenvolvimento humano são importantes pois a partir delas a personalidade do indivíduo começa a se constituir. Nesse sentido, a Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby (1989) ressalta a importância do papel dos cuidadores nos primeiros anos de vida da criança, pois dependendo da forma que forem supridas suas necessidades, surgirão diferentes maneiras de se engajar em seus relacionamentos interpessoais.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo identificar os estilos parentais de origem, tipos de apego e traços de personalidade de mulheres que passaram por violência conjugal. Pretende-se também identificar se há relações entre as características de personalidade e os tipos de apego em diferentes relacionamentos interpessoais. O presente estudo faz parte de um projeto maior, que objetivou pesquisar características de personalidade em agressores e vítimas de violência conjugal. Nas próximas seções, serão abordados conceitos sobre o fenômeno da violência contra a mulher, os estilos parentais e tipos de apego, bem como características de personalidade, explicitando os principais referenciais deste estudo.

A escolha pela temática abordada na pesquisa se deu através do interesse da autora em continuar pesquisando no campo da Psicologia Jurídica, com ênfase na área da violência contra a mulher, sendo um tema sobre o qual já desenvolveu trabalhos de intervenção e de pesquisa. A participação como voluntária em um projeto de extensão na Delegacia Especializada de atendimento a Mulher, na cidade de Rio Grande/RS, trouxe diferentes percepções acerca deste problema social enfrentado em diferentes países e culturas, e também contribuíram no interesse em continuar pesquisando neste contexto. Destaca-se também a importância de estudos que abordem informações sobre a infância de mulheres que estão em situação de violência conjugal, a fim de entender os modelos e práticas exercidas que possam interferir na compreensão da situação de risco vivenciada.

A compreensão de características da infância de mulheres vítimas de violência conjugal pode auxiliar no maior entendimento por parte dos profissionais a respeito de aspectos transgeracionais da violência. Os achados empíricos poderão auxiliar em um maior entendimento deste problema social por parte dos profissionais que atuam na área, e colaborar com a elaboração de intervenções que visem prevenir e combater a violência de gênero.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

### 2.1 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência é entendida como o -uso intencional de força física ou poder, seja em forma de ameaça real ou contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que resulte ou tem grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psíquico, distúrbios do desenvolvimento ou privações (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p.5). De acordo com Schraiber e Oliveira (2003), a violência, quando direcionada à mulher, pode ser definida como -qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada (p.8). Este tipo de violência é denominada como violência de gênero, pelo fato de estar associada a papéis sociais hierarquizados, que contribuem para que os homens - que, na maioria das vezes, são os agressores - acreditem que as suas companheiras devem cumprir com estes papéis de gêneros decorrentes de um modelo de sociedade patriarcal. Quando as mulheres contestam tal papel, então, os homens podem recorrer à violência, a fim de controlar a mulher e afirmar a sua autoridade na relação conjugal (MACDONALD, 2013).

No Brasil, foram criadas medidas para coibir a violência contra a mulher, como a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, que prevê que toda mulher, independentemente de classe, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião goza dos direitos fundamentais dos seres humanos, tendo assegurado o seu direito de viver sem violência. São destacados na lei os tipos de violência, sendo elas: violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral (BRASIL, 2006). Em uma pesquisa realizada na cidade de Vitória (Espírito Santo) com mulheres que haviam passado por situação de violência conjugal, foi constatado que a violência psicológica teve maior prevalência quando comparada aos outros tipos de violência (LEITE, et al., 2017). Esse resultado corrobora outros estudos que identificaram a violência psicológica como sendo a de maior frequência, seguido da violência física e sexual (MENDOÇA e LUDERMIR, 2017; LEITE et al, 2017). Muitas vezes, as manifestações de violência perpetuadas pelo agressor iniciam por agressões verbais e xingamentos. Estes atos iniciais, porém, podem não ser identificados como violentos pelas mulheres que, portanto, tendem a não denunciá-los em um primeiro momento (SILVA et al., 2007).

Em consonância com a lei Maria da Penha, as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM) foram criadas para auxiliar as mulheres que estejam

passando por estas situações, através de um atendimento realizado somente por mulheres que tem como diretriz a prevenção e repressão da violência de gênero (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES, 2010; SANTOS; MARQUES; 2014). Entretanto, segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, mesmo com as medidas da lei e instauração das delegacias especializadas não houve uma diminuição significativa de violência contra a mulher (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, 2015). Nesse sentido, a literatura indica que não existe uma única causa para a mulher se manter no relacionamento violento, mas sim diferentes fatores que contribuem com esta manutenção. Por exemplo, a dependência econômica do parceiro, possuir filhos com o agressor, ter esperança de que o companheiro irá mudar, dificuldade de compreensão por parte da família extensa, desconhecimento de redes de apoio governamental, desemprego e insegurança de assumir a responsabilidade sozinha do lar e dos filhos (MOREIRA, 2011; FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012, PEDERIVA; MELO, 2016). É possível observar que diferentes elementos contribuem para a perpetuação do ciclo de violência, e muitas vezes fazem com que a vítima não consiga visualizar formas de romper com a situação (WALKER, 2016).

As agressões exercidas pelos homens contra as mulheres podem chegar ao extremo, levando à morte das vítimas. Inicialmente, este tipo de crime foi denominado como -femicídio, pela compreensão de que as mulheres morrem muitas vezes -por serem mulheres, revelando que a questão central desse tipo de violência é permeada pelas desigualdades de poder entre os gêneros (RUSSEL, 1992; MENEGHEL; PORTELA; 2017).

A Lei nº 13.104 institui a atual nomenclatura -feminicídio no rol dos crimes hediondos e o seu principal objetivo é tornar estes casos visíveis, assim como assegurar uma punição mais grave para os que cometerem tal crime (BRASIL, 2015). Salienta-se que, no Brasil, os dados referentes à segurança pública demonstram que a cada 2 horas uma mulher é assassinada no país, sendo um total de 4.657 mulheres mortas ao total em 2016 e apenas 533 casos foram classificados como feminicídio, demonstrando ainda uma dificuldade em identificar tais crimes (FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017). Nos Estados Unidos, cerca de 42% dos assassinatos femininos são cometidos pelo cônjuge (FOX; ZAWITZ, 2004). Nesse mesmo sentido, a Organização Mundial da Saúde identificou que 35% das mulheres em todo o mundo são vítimas de violência física ou sexual, na maioria das vezes ocasionadas por seus parceiros, demonstrando o alto índice de ocorrência da violência nas relações íntimas. Nos

países da África, Oriente Médio e Sudeste da Ásia houve maior concentração dos casos (37%), seguindo pelas Américas (30%) (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2014).

Dessa forma, a violência contra a mulher é considerada atualmente como um problema de saúde pública, devido à sua gravidade e aos seus altos índices em diferentes países, classes, etnias (OMS, 2014). As mulheres que passam por esta situação podem vir a desenvolver doenças físicas e psíquicas, como estresse pós-traumático, percepções errôneas sobre si mesmas, sentimento de insegurança e impotência, além de apresentarem grave impacto na sua vida em sociedade podendo levar até ao suicídio (FONSECA; LUCAS, 2006; MICHAU, et al., 2015). Sendo assim, pode-se afirmar que as mulheres que vivenciam situações de violência tem sua vida alterada por diferentes consequências, como baixa autoestima, alterações negativas na autoimagem, maior vulnerabilidade e dificuldade para criar mecanismos de proteção, por se sentirem inseguras e, portanto, mais propensas a aceitar a vitimização (ADEOTADO, 2005). As vítimas podem desenvolver transtornos como insônia, fadiga, queixas somáticas aliadas à depressão e ansiedade, necessitando assim de uma rede de apoio que lhe auxilie (MENDONÇA; LUDERMIR, 2017). Fatores como pobreza, violência na infância, negligência, gênero, classe social, grau de escolaridade e ocupação, também devem ser analisados para uma maior compreensão da violência contra a mulher (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Os fatores expostos acabam por influenciar na forma com a qual as mulheres lidam com a violência. Por conta de suas vulnerabilidades e das consequências da perpetuação das agressões, há uma tendência de as mulheres não consigam visualizar formas enfrentamento (SANTOS; MOREÍ, 2011). O ciclo de violência, que é compreendido pela sucessão de fases em que o agressor utiliza de diferentes estratégias e de comportamentos para manter a mulher sob seu controle, pode se manter durante um longo período prejudicando cada vez mais as mulheres que se encontram em tal situação (WALKER, 2016). O início é permeado por pequenos atos violentos que instauram a tensão na relação e que podem ser considerados como controláveis pelas vítimas. A segunda fase é marcada por extrema violência, agressões e sensação de perda de controle da situação, e a última fase conhecida como -lua de mel||, compreende o período de reestruturação da dinâmica conjugal em que o parceiro demonstra arrependimento e promete mudança de comportamento para a companheira. Esse é o período em que a mulher tende a dar mais uma chance para o parceiro e passa a ter esperança que nunca mais irá passar pela situação violenta (WALKER, 2016). Essa compreensão auxilia no entendimento da dinâmica de violência contra a mulher, mas não se aplica em todas as



situações, pois é importante analisar cada caso considerando todos os fatores citados anteriormente.

Nesse sentido, é muito importante a articulação de serviços de proteção à mulher que envolvam o setor judiciário, a saúde, educação, entre outros, para que elas possam contar com uma rede de apoio governamental que lhe auxilie na identificação e no rompimento da relação violenta (BRASIL, 2011). Percebe-se, que ainda existe um alto índice de subnotificações destes casos, impossibilitando a real visibilidade do problema. Os estudos indicam que há uma dificuldade dos profissionais identificarem tais situações para executarem a notificação, bem como uma resistência das mulheres em denunciar seus agressores devido ao medo das consequências (KIND, 2013 et al.; BARUFALDI, 2017 et al.; ).

Em relação ao atendimento de mulheres em situação de violência, em 2011, foi definida a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as mulheres, que tem como objetivo estabelecer princípios e diretrizes que embasem ações de prevenção e de intervenção no combate a este tipo de violência (BRASIL, 2011). Tal plano assegura o direito das mulheres que passam por tal situação a terem acesso a diferentes serviços de proteção e de atendimento, entre eles o Centro de Referência Especializado em Assistência Social, Casa Abrigo e a Delegacia da Mulher (BRASIL, 2011). Esses serviços são organizados por diferentes profissionais, incluindo o psicólogo. Desse modo, o Conselho Federal de Psicologia elaborou um documento com referências técnicas de atuação para estes casos. No referido documento, é destacada a importância do psicólogo compreender a violência contra a mulher como uma violação dos direitos humanos bem como uma questão de gênero, além de trazer as considerações éticas que devem ser asseguradas na prática (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012).

Em uma pesquisa realizada com gestores de saúde foi enfatizada a importância do serviço de Psicologia para as mulheres vítimas de violência. Porém, destaca-se que este serviço aparece de forma isolada na política de saúde mental do município pesquisado (PORTO, 2006). Percebe-se, desse modo, que há uma dificuldade - não só por parte dos psicólogos, mas também nos demais profissionais de saúde - em lidar com esta problemática, mostrando um déficit em conhecimento teóricos e práticos que auxiliem na proteção de mulheres em situação de violência (PEDROSA; ZANELLO, 2017). Alguns estudos demonstram a importância do psicólogo no atendimento de mulheres vítimas, a fim de auxiliar na redução dos danos ocasionados pelos atos violentos sofridos e na prevenção de maior sofrimento (PORTO, 2006; REIS, 2010). Entretanto, Porto (2006) ressalta a

importância da –não-psicologização‖ de um problema social, e destaca em seu estudo que muitos psicólogos não conseguem compreender o seu papel no enfrentamento à violência contra a mulher por conta das dificuldades de atuação nesse contexto. Os profissionais que atuam frente à essa situação precisam compreender todos os fatores sociais e culturais envolvidos na propagação e na manutenção desse tipo de violência.

A violência contra a mulher é uma situação multifacetada e pode ser compreendida como um produto da interação de diferentes fatores sociais, sociodemográficos, socioeconômicos e à características específicas como, por exemplo, ter presenciado violência familiar na infância ou adolescência (RADA, 2014; ALI et al., 2014). Dessa forma, é importante destacar que as crianças que crescem em ambientes violentos podem desenvolver graves consequências no seu desenvolvimento como, por exemplo, baixa autoestima, comportamentos agressivos e grande sofrimento (JAFEE, 2017). Nesse sentido, o contexto familiar que é permeado por situações de violência influenciará diretamente as futuras gerações que se desenvolverem nesse ambiente.

## **2.2 TRANSGERACIONALIDADE DA VIOLÊNCIA E ESTILOS PARENTAIS**

A violência conjugal na família é um fator de risco para problemas futuros, não somente para os parceiros, mas também para os outros membros do núcleo familiar como, por exemplo, os filhos (ANDERSON et al., 2018). A repetição dos padrões de comportamento violento pode influenciar as gerações, permitindo que as crianças que crescem em contextos de violência venham a aprender que tais ocorrências são inerentes às relações conjugais (FALCKE; FÉRES-CARNEIRO, 2011). O referido processo é denominado transgeracionalidade, que é compreendida como –as representações de processos que são transmitidos pela família de uma geração a outra e que se mantém presentes ao longo da história familiar‖ (WAGNER, 2002, p. 26), podendo fazer com que as crianças, ao presenciarem os atos violentos entre os pais, desenvolvam um processo de aprendizado dos mesmos (MACHADO; GONÇALVES, 2003).

Alguns estudos indicam que a relação da transgeracionalidade com a violência pode influenciar nas maneiras de enfrentamento e de compreensão da violência contra à mulher. Na literatura, os pesquisadores utilizam o termo –modelo intergeracional de violência‖ para abordar os fatores que permeiam esse ciclo (WAGNER; FALCKE, 2001; NARVAZ, 2005; MENEZES, 2011; FRANKLIN; KERCHER, 2012). De acordo com Narvaz (2005), as mulheres vítimas de violência conjugal podem ter presenciado um padrão recorrente de

agressões contra suas mães na infância, e a perpetuação desse modelo patriarcal praticado pela figura masculina pode interferir até mesmo na aceitação da violência exercida pelo parceiro na vida adulta. Corroborando essa ideia, Menezes (2011) afirma que a convivência dos filhos em contextos de violência conjugal entre os pais, pode ocasionar em uma percepção errônea a respeito dos atos violentos, resultando na repetição de papéis de submissão ou na formação de um adulto agressivo. O estudo de Franklin e Kercher (2012), realizado nos Estados Unidos com 189 homens e 360 mulheres, investigou a transgeracionalidade da violência e os resultados mostraram uma relação significativa entre a violência da família de origem e a perpetração da violência e a vitimização.

Em relação à escolha de parceiros amorosos, as autoras Wagner e Falcke (2001) identificaram a influência da família de origem nas escolhas conjugais, bem como uma forte tendência na repetição de modelos de relacionamentos afetivos e de padrões destrutivos aprendidos na família de origem. Nesse mesmo sentido, Santos e Moré (2011) pesquisaram o impacto da violência na dinâmica familiar de mulheres que haviam passado por violência física. As autoras identificaram um padrão disfuncional de funcionamento nas famílias de origem na amostra pesquisada, bem como a presença da transgeracionalidade da violência.

Em um estudo realizado na Romênia, foi identificado que 35% das mulheres entrevistadas e que haviam sofrido violência conjugal já haviam testemunhado a violência entre os pais na infância ou na adolescência, e 53,7% destas foram vítimas de violência familiar. Em relação à ter sofrido violência, os dados mostram que 20% das mulheres já passaram por abuso sexual infantil (WHO, 2014), e em uma pesquisa realizada com uma amostra similar foi constatado que a mulher que sofre abuso sexual na infância pode ter a sua vida sexual e afetiva afetada de forma negativa, além de vir a desenvolver uma forma de apego evitativo ou ansioso (KRINDGES; MACEDO; HABIGZANG, 2016). Em consonância a estes achados, um estudo realizado no interior do Rio Grande do Sul, que teve como objetivo apresentar dados sobre as notificações compulsórias da violência na infância e adolescência, constatou que o sexo feminino predominou no número de vítimas e que o ambiente familiar foi onde mais ocorreram as agressões, o que também corrobora outros estudos que identificaram que normalmente a violência é perpetuada por familiares (CEZAR; ARPINI; GOETZ, 2017). O mesmo estudo destacou também a importância da notificação nesses casos.

São várias as consequências dos maus tratos na infância, sendo uma delas a vulnerabilidade para psicopatologias e a influência de processos neurobiológicos que

influenciam diretamente na estrutura e na função do cérebro e da cognição social (SERAFIM et al., p.31, 2014; JAFEE, 2017). Crianças que passam por tal situação podem vir a ter consequências na regulação emocional, se tornar hipervigilantes à ameaça e vulneráveis à sintomas ligados à depressão (JAFEE, 2017). Todos esses fatores irão afetar diretamente na qualidade das relações interpessoais que essas crianças virão a ter no futuro, dessa forma percebe-se a importância de um ambiente seguro e da figura de proteção exercida pelos cuidadores desde os anos iniciais

Em relação aos fatores vivenciados na infância e a relação com a perpetuação da violência conjugal, um estudo documental realizado na cidade de Porto Alegre, constatou que 57% dos agressores e 47% das mulheres agredidas possuíam histórico de violências na suas famílias, além disso os resultados mostraram uma associação entre ter uma família com histórico de violência e possuir um parceiro com histórico de violência (GADONI-COSTA, ZUCATTI; DELL'AGLIO, 2011). Nesse mesmo sentido, outro estudo constatou que a exposição de adolescentes à violência perpetuada pelo parceiro íntimo em suas famílias pode impulsionar os mesmos à praticarem atos violentos no namoro (LATZMAN et al., 2015). De acordo com alguns autores da teoria da Aprendizagem Social, tal repetição de comportamento se dá por conta da interferência dos modelos observáveis de relacionamentos no seio familiar (BANDURA, 1977). Esses modelos podem influenciar um padrão de pensamentos e de comportamentos que reforcem a violência nas relações conjugais, fazendo com que muitas vezes as crianças compreendam esses atos como aceitáveis nas relações amorosas, seja perpetuando através do papel de agressor ou no papel de vítima (HAMBERGER, 2008). A partir disso se faz necessário investigar fatores contextuais da família de origem que possam ser mediadores no processo de perpetuação da violência, sendo os estilos parentais um deles.

Os estilos parentais podem ser compreendidos como um conjunto de práticas e de atitudes utilizadas pelos cuidadores que tem como objetivo educar, socializar e controlar os comportamentos dos filhos (GOMIDE, 2006). As práticas são estratégias utilizadas pelos pais em diferentes contextos, elas podem ser positivas e negativas dependendo do estilo parental predominante. O modelo teórico desenvolvido pela autora Gomide (2006) é composto por sete práticas educativas, sendo que cinco delas são negativas: negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa e duas se referem à práticas positivas, compostas por comportamentos pró-sociais, que são o comportamental moral e a monitoria positiva.

Em relação às práticas parentais positivas, estas são compreendidas como atitudes que promovem uma maior autonomia e desenvolvimento saudável da criança. A monitoria positiva é constituída por comportamentos parentais que envolvem o controle saudável dos filhos, em relação às suas atividades e maneiras de adaptação, assim como demonstração de afeto e imposição de regras e de limites (GOMIDE, 2006). O comportamento moral é composto por práticas educativas que contribuam com o desenvolvimento de virtudes dos filhos, como empatia, senso de justiça, generosidade entre outros fatores que permeiam as relações interpessoais. Já as práticas negativas referem-se à formas disfuncionais de exercer a parentalidade. A negligência envolve a total ausência de cuidado e proteção dos pais com os filhos, o abuso físico e psicológico compreende práticas corporais negativas e ações como abandono e ameaça. Já a punição inconsistente é marcada pela atitude dos pais no momento de punir e reforçar pautada pelo seu humor e não pela ato praticado pela criança e a monitora negativa refere-se ao excesso de restrições e pela geração de um ambiente familiar hostil (GOMIDE, 2006).

As práticas parentais exercidas na família de origem podem ser uma das variáveis familiares a serem utilizadas na compreensão dos aspectos transgeracionais da violência. Um estudo realizado nos Estados Unidos, na Turquia e na Espanha com mulheres universitárias investigou os modelos parentais de origem como preditores da violência presenciada nos relacionamentos amorosos (HENDY, et al., 2016). Os resultados relataram frequência similar de violência por parte de seus parceiros amorosos, porém as manifestações de violência parental foram mais relatadas nos Estados Unidos e na Turquia do que na Espanha. Os autores problematizaram o fato de que muitas vezes a violência dentro das famílias é silenciadas por questões culturais e por crenças reforçadoras (HENDY, et al., 2016).

Além disso, pode-se inferir que quando a violência é praticada pelos pais dentro das famílias, as filhas que presenciam tal situação podem aprender esses atos agressivos como um meio de resolução de conflitos, tornando-as mais propensas a esperar e/ou aceitar a violência de seus parceiros amorosos (MENEZES, 2011). Nesse mesmo sentido, um estudo realizado no Brasil pesquisou os estilos parentais de origem e ansiedade em homens agressores conjugais e não agressores, e os resultados mostraram que os agressores apresentaram mais práticas parentais de origem negativas do que em comparação com os agressores (PADOVANI; WILLIAMS, 2011). Portanto, esse estudo poderá ajudar na compreensão da importância das figuras de origem na prevenção e erradicação da violência contra a mulher,

na medida em que oferece informações sobre aspectos transgeracionais que influenciarão nos novos modelos relacionais a serem desenvolvidos.

### **2.3 TIPOS DE APEGO E PERSONALIDADE**

Há uma relação direta entre o papel que os cuidadores exercem com a evolução psicológica saudável do indivíduo. Em outras palavras, crianças que possuem experiências satisfatórias de apego, carinho, segurança e demonstrações de vínculo tendem a apresentar um desenvolvimento seguro durante toda a vida (WAINER et al., 2016). Em um estudo com meninas que haviam passado por situação de violência doméstica na infância foi constatado que as mesmas desenvolveram uma representação de apego do tipo inseguro, quando comparadas às que não haviam sofrido violência (MAYER, 2002). Nesse sentido, Mayer e Koller (2012) ressaltam a necessidade de intervenções que busquem fortalecer os laços familiares e as redes de apoio através do fortalecimento das relações de apego como forma de prevenir a violência no contexto familiar. Pode-se considerar que alguns modos negligentes de cuidado por parte das famílias de origem interferem na estruturação de determinadas características de personalidade (WAINER, et al., 2016).

No que diz respeito às influências da família de origem, a Teoria do Apego resalta a importância dos primeiros vínculos da criança para que ocorra um desenvolvimento saudável (BOLWBY, 1977). O apego pode ser compreendido como um mecanismo básico do ser humano que é desenvolvido a partir do cuidado da figura materna e paterna nos anos iniciais. Ele é classificado a partir da maneira com que a pessoa pode se comportar frente às relações, sendo classificado em dois tipos: Ansioso e Evitativo. O apego ansioso refere-se à pessoas que possuem medo de rejeição e excessiva dependência em relação ao outro, já o evitativo diz respeito à dificuldade de estabelecer intimidade nos relacionamentos e resistência em buscar suporte nas relações interpessoais (FEENEY; KARANTZAS, 2017). Pode-se também subdividir os tipos de apego em quatro classes de vínculo, sendo elas: apego seguro, inseguro desligado, inseguro preocupado e inseguro temeroso. O apego seguro refere-se à pessoas que possuem equilíbrio entre autonomia e dependência em seus relacionamentos; o apego desligado envolve comportamentos despreocupados em relação aos vínculos interpessoais, de modo que quem possui esse tipo de apego tende a não se sentir confortável em se abrir e depender de outras pessoas. Já o apego preocupado é marcado por excessiva preocupação em relação à disponibilidade dos outros, e pessoas que pontuam nesse tipo de apego tendem a

gostar de depender de outras pessoas. E por último, o inseguro temeroso refere-se à pessoas que temem em estabelecer vínculos (BARTHOLOMEW; SHAVER, 1998).

A Teoria do Apego tem sido utilizada para explicar diferentes fenômenos ligados às relações interpessoais, sendo a violência perpetuada por parceiro íntimo um deles (FOURNIER; BRASSARD; SHAVER, 2011). Os autores Guzmàn e Contreras (2012) investigaram o estilo de apego em relação com a satisfação conjugal e os achados revelaram que as pessoas com apego seguro foram as que mais avaliaram de forma satisfatória a relação conjugal. Em consonância, um estudo realizado na Turquia pesquisou a diferença nos tipos de apego entre mulheres que passaram por violência e que romperam com seus parceiros em relação às que não haviam rompido. Os resultados mostraram uma diferença significativa na pontuação alta do apego seguro entre as que haviam rompido com o agressor em relação às que continuavam na relação após terem sido violentadas e uma correlação negativa em relação ao apego seguro com quadros psicopatológicos como depressão (GEZEN; ORAL, 2013). Nesse mesmo sentido, outro estudo de meta-análise identificou uma correlação significativa entre o tipo de apego ansioso com a intensidade de sintomas do transtorno pós traumático em adultos, além da correlação com o transtorno de ansiedade generalizada (WOODHOUSE; FIELDA, 2015). Além disso, outro estudo também buscou compreender a relação dos tipos de apego com o suporte social utilizado por mulheres que passaram por violência conjugal (WOODWARD, et al., 2013). Os resultados desses estudos demonstram que o estilo de apego pode ser um fator que influencia o ciclo da violência vivenciado pela mulher, pois dependendo das formas com que estabelece seus vínculos ela poderá apresentar diferentes fatores de risco e de proteção.

Alguns estudos indicam que existe relação entre a experiência na família de origem e características de personalidade com a perpetuação da violência. Esses achados apontam que o modo de cuidado na infância pode prevenir ou tornar o adulto mais vulnerável a se envolver em relações abusivas (MADALENA, et al., 2015; PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012). Nesse sentido, as primeiras influências de apego derivadas das figuras dos cuidadores influenciam diretamente na constituição da personalidade, fazendo com que determinadas características na forma de lidar nas relações sejam benéficas ou autodestrutivas.

O desenvolvimento da personalidade está relacionado com diferentes desejos e sentimentos, bem como à forma com que o indivíduo os expressa. A personalidade pode ser compreendida como um constructo psicológico que abarcar os padrões de comportamento e atitudes típicas de um determinado indivíduo, sendo relativamente constantes e estáveis

Sendo assim, é importante (REBOLLO, HARRIS, 2006). Sendo assim, se faz importante pesquisar tais aspectos em mulheres que se encontram em situação de violência, pelo fato de estarem em sua maior parte vulneráveis, em decorrência da situação que estão vivendo. As mulheres em tais contextos tendem a não expressar de forma livre e espontânea suas emoções e sentimentos (HADDEN; SMITH; WEBSTER, 2014; GIRME, et al., 2017).

Portanto, investigar de que forma as características de personalidade podem se relacionar com aspectos ligados ao contexto familiar, pode contribuir na proteção das vítimas e em futuras estratégias de prevenção e intervenção. Para esse tipo de investigação, o modelo dos cinco grandes fatores é considerado o mais adequado para ajudar a esclarecer tais relações, e tem sido utilizado e já foi utilizado em estudos com a mesma situação-problema (PINTO; VARELA; VINHAL, 2012).

O Modelo *Big Five* de Personalidade é aplicado em diferentes amostras e culturas e mostrou-se adequado em diferentes contextos (NUNES, 2005; GAVIDIA; CENDALES ; ANACONA, 2010 ). O modelo propõe que a personalidade é constituída pelos seguintes fatores denominados como: Extroversão (E), Socialização (S), Realização (R), Estabilidade Emocional ou Neuroticismo (N) e Abertura para novas experiências (A). Em relação à características de tais fatores, a Extroversão (E) refere-se ao grau de interação interpessoal; a Socialização (S) refere-se aos tipos de interações que variam de compaixão ao antagonismo, portanto, pessoas que pontuam alto neste fator tendem a ser bondosas, generosas, afáveis. O fator Realização (R) refere-se ao grau de controle, persistência e motivação para alcançar os objetivos; já o Neuroticismo (N) refere-se à características que envolvem afeto positivo ou negativo - pessoas que pontuam alto tendem a ser ansiosas, inibidas e apresentam instabilidade emocional. O último fator, Abertura a Experiências (A), refere-se a pessoas independentes, indagadoras, ousadas e criativas (NUNES, 2005).

A pesquisa de Pinto, Varela e Vinhal (2012) objetivou identificar as dimensões da personalidade em uma amostra de mulheres em situação de violência. A dimensão de Realização e Neuroticismo foram as mais pontuadas. Nesse mesmo sentido, o estudo de Kozlowski (2004) identificou traços de personalidade ligados a características de introversão e de isolamento em uma amostra de vítimas de violência conjugal, além de verificar que tais características possuíam relação com a depressão na amostra pesquisada. Um estudo que buscou pesquisar a interface das características de personalidade com o término da relação agressiva, identificou a relação entre maior pontuação em Socialização com a capacidade da mulher vítima de violência conseguir romper de forma mais rápida a relação agressiva, e



mulheres com pontuação alta em estabilidade emocional e Abertura à Experiência apresentaram maior tendência à buscar ajuda em instituições governamentais (GAVIDIA; CENDALES ;ANACONA, 2010).

Em uma revisão sistemática realizada no Brasil, no período de 2009 a 2013, sobre quais estavam sendo os focos de pesquisa na produção científica nacional em relação à violência contra a mulher, foi encontrado que a maior parte dos estudos buscaram pesquisar os tipos e consequências da violência, sendo que características mais específicas do desenvolvimento não apareceram como foco de atenção das pesquisas (SILVA; OLIVEIRA, 2015). Em outra revisão sistemática realizada em 2013, sobre a produção científica acerca de características de personalidade em mulheres que sofreram violência conjugal, foram encontrados apenas sete artigos internacionais que abordassem tais variáveis. As autoras destacam o fato de que há a prevalência de algumas características em comum nas mulheres vítimas de violência, que podem fazer com que elas se tornem mais vulneráveis a se manterem em relações abusivas e que sintam dificuldade para romper com o ciclo violento que presenciam (SÁ; WERLANG, 2013).

Por fim, conclui-se que a maior parte dos estudos tende a pesquisar fatores externos ligados às causas da manutenção do ciclo da violência. Nesse sentido, pesquisar aspectos de personalidade e características da infância de mulheres em situação de violência pode colaborar na identificação dos obstáculos que as vítimas enfrentam para lidar com tais situações.

Portanto, pretende-se investigar os estilos parentais de origem, apego e personalidade em mulheres vítimas de violência conjugal. Dessa forma, o presente estudo pode colaborar no entendimento de como a violência conjugal atinge as mulheres em seus aspectos emocionais e psicológicos, a fim de que os profissionais tenham mais subsídios para compreender a demanda deste problema de saúde pública. Entende-se que compreender as nuances psicológicas deste público é um fator fundamental para que as intervenções sejam efetivas e realizadas de modo empático. Sendo assim, é importante uma maior atenção às questões que envolvem fatores ligados à família de origem e na constituição da personalidade. A partir dessa perspectiva, é possível elaborar estratégias de intervenção mais efetivas que ajudem as mulheres que se encontram em tal situação a romperem com seus parceiros e a buscarem ajuda profissional.

### **3. OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

- Avaliar os estilos parentais de origem, tipos de apego e características de personalidade de mulheres que passaram por violência conjugal.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Investigar correlações entre os traços de personalidade e tipos de apego
- Identificar os diferentes tipos de apego na amostra;
- Identificar os tipos de estilos parentais de origem mais predominantes
- Identificar se há ocorrência de violência doméstica na infância das participantes
- Identificar se os filhos das participantes já presenciaram ou não os episódios de violência conjugal

## 4 MÉTODO

### 4.1. DELINEAMENTO

Este estudo trata-se de uma pesquisa de levantamento quantitativo transversal.

### 4.2 PARTICIPANTES

A pesquisa foi comporta por uma amostra de 30 mulheres vítimas de violência conjugal, maiores de 18 anos, que buscaram atendimento nas Delegacias Especializadas de Atendimento à mulher (DEAM) da cidade de Santa Maria e de Uruguaiiana. Foi utilizado como critério de exclusão mulheres que tenham sofrido outro tipo de violência, que não seja cometida pelo parceiro íntimo.

### 4.3 INSTRUMENTOS

Todos os instrumentos e métodos utilizados neste estudo são de validade ética e científica, conforme evidenciado pelas referências. Os instrumentos utilizados são elencados a seguir e as autorizações para sua utilização foram previamente solicitadas a seus autores.

*Ficha sociodemográfica e de características da violência sofrida (Anexo):* Foi utilizada uma ficha com dados sociodemográficos das participantes, que incluiu dados sobre idade, sexo, renda familiar, estado civil, e com informações sobre a violência sofrida: tempo de relação com o agressor, tipos de violência, tempo entre a violência e a denúncia, número de denúncias registradas entre outras informações que colaboraram no entendimento do ciclo de violência vivenciado pela vítima.

*Estilos Parentais (IEP):* O inventário de Estilos Parentais é composto por 42 questões que avaliam as sete práticas educativas propostas pelo modelo. Para cada prática educativa foram elaboradas seis questões. As práticas positivas são: Monitoria positiva e comportamento moral. As práticas negativas são: Punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico. O IEP pode ser respondido pelos pais ou pelos filhos. A versão utilizada na pesquisa foi a respondida pelo filho em relação às práticas paternas e maternas exercidas pelos pais. A correção do instrumento é realizada através da folha resposta que contém as sete práticas educativas. A pontuação para NUNCA é 0, para ÀS VEZES é 1, para SEMPRE pontuação 2. A pontuação máxima para cada prática é 12 e a mínima 0. O cálculo do índice parental é feito através das somas das práticas positivas e das negativas e

logo após subtrai-se a soma das negativas das positivas. Os índices parentais negativos referem-se à práticas negativas e os positivos às práticas parentais positivas (GOMIDE, 2006). O referido instrumento foi criado e validado pela autora Gomide (2006).

*Fatores de personalidade:* Os traços de personalidade foram avaliados com a aplicação do Inventário de Personalidade Cinco Fatores Revisado (NEO-FFI-R) que é uma versão reduzida inventário NEO PI-R. É um instrumento de avaliação da personalidade normal, baseado no modelo pentafatorial das personalidades - cinco grandes fatores de personalidade (BigFive), apresenta cinco escalas, cada uma com 12 itens que medem cada domínio. Os cinco domínios são: Neuroticismo, Extroversão, Abertura, Amabilidade, e Conscienciosidade (FLORES-MENDONZA, 2007). A adaptação do instrumento foi realizada por Costa e McCrae (2010).

*Questionário de estrutura Relacionais (Estruturais Relacionais - ECR-RS) (Anexo) –* Esta escala mensura dois tipos de apego gerais, um relacionado ao estilo de evitação e outro relacionado ao estilo ansioso que podem ser computados para cada relacionamento (mãe, pai, parceiro, amigo). E também pode-se mensurar os quatro tipos de apego denominados como: Seguro, Desligado, Ansioso e Temeroso. O escore para evitação é calculado pela média dos itens 1-6, sendo que os itens 1,2, 3 e 4 são reversos. O escore para ansioso é calculado pela média dos itens 7-9 (ROCHA et al., 2017). A escala ECR-RS foi validada no Brasil por Rocha et al. (2017).

#### 4.4 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada nas dependências da Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher da cidade de Santa Maria – RS e da cidade de Uruguaiana- RS, mediante as suas autorizações institucionais. As mulheres que buscaram atendimento nas DEAM's foram convidadas para participar da referida pesquisa. Inicialmente foram explicados os objetivos do estudo, assim como o Termo de Consentimento Livre (TCLE), que foi assinado em duas vias, uma para o pesquisador e outra para a participante. Caso a convidada aceitasse participar, era realizada primeiramente a coleta de informações sobre a violência sofrida através de um questionário elaborado para este devido fim, que era preenchido pela pesquisadora. Posteriormente, eram aplicado o NEO-FFI-R, o IEP e a escala de apego. A pesquisadora se colocou a disposição para esclarecer possíveis dúvidas da

participante. Em casos de desconforto durante a participação na pesquisa, a pesquisadora ofereceu encaminhamento para o serviço de acolhimento disponíveis na rede de atendimento.

#### 4.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram analisados quantitativamente através *software Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*. Foi utilizada a Estatística Descritiva e, posteriormente, testes de correlação e de associação (*Pearson* e Qui-quadrado).

#### 4.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O estudo respeitou as normas e diretrizes da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde e a Resolução N. 016/2000, de 20 de dezembro de 2000, do Conselho Federal de Psicologia, considerando os procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos bem como o sigilo e confidencialidade das informações coletadas. Inicialmente o presente projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e foi aprovado sob o CAAE 87344018.9.0000.5346. Todas as participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi apresentado anteriormente à aplicação dos instrumentos, onde puderam reafirmar ou recusar a aceitação em participar voluntariamente da pesquisa proposta. Este documento apresentou a descrição da natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta poderia acarretar.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Caracterização das participantes e dados sobre a violência sofrida*

Participaram do estudo 30 mulheres, com idades entre 18 e 75 anos ( $M = 40$  anos,  $DP = 13,7$ ), sendo que 20 declaram ser brancas, 4 negras, 2 pardas e 4 não declaram. No que se refere ao estado civil das participantes, 15 disseram estar solteiras, 11 casadas, 2 em união estável e 2 divorciadas. Quanto ao tempo de relação com o agressor a média foi de 16 anos ( $DP = 16,2$ ), sendo que o tempo variou de no mínimo 2 anos e máximo de 58 anos de relacionamento. O grau de escolaridade está descrito na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1- Grau de escolaridade da amostra

Escolaridade	N
Ensino fundamental incompleto	12
Ensino fundamental completo	5
Ensino médio completo	8
Ensino superior completo	5

Uma pesquisa realizada pela Organização Mundial da Saúde revelou que existem alguns fatores sociais e individuais das mulheres que podem ser considerados como fatores de risco no rompimento do ciclo de violência. Segundo esse estudo, as mulheres que tendem a retornar para a relação abusiva após o rompimento, em geral, se caracterizam como sendo: mulheres mais jovens; que não dispõem de suporte emocional; que apresentam menor escolaridade; e que estão em relacionamentos longos com o agressor (SANTOS; MORÉ, 2017). Em relação a esses dados, destaca-se que a amostra pesquisada no presente estudo apresentou uma média alta no tempo de relação com o agressor (i.e., acima de uma década de relacionamento, em média) e um predomínio de baixa escolaridade. Portanto, a partir de tais resultados pode-se inferir que as participantes apresentam características comuns à mulheres que se mantêm em relacionamentos abusivos, o que pode ser considerado como um indício de que necessitam de um maior suporte para superar o ciclo de violência.

Em relação aos dados sobre a violência, o tipo de violência física foi apontada por 27 mulheres, a violência sexual por 11, a violência patrimonial por 22, a violência psicológica por 28 e a violência moral por 29. Sobre os registros, 27 mulheres solicitaram medida

protetiva no momento da denúncia, 1 pretendia solicitar e 1 não solicitou. Todas as participantes haviam realizado boletim de ocorrência. Sobre o local que a violência ocorria, 26 relataram que as agressões ocorriam em casa, 7 no trabalho e 7 em local público.

A violência moral foi a mais relatada, mas percebe-se que quase todos os tipos de violência foram assinalados. Os estudos mostram que muitas vezes a violência psicológica e moral são negligenciadas pelas mulheres pela dificuldade de reconhecerem algumas atitudes como práticas violentas. Muitas vezes o agressor apresenta comportamentos agressivos sutis no início do relacionamento que, com o passar do tempo, tendem a se intensificar através do uso da violência física (WALKER, 2016.).

Além disso, destaca-se que grande parte do registro das ocorrências de violência contra a mulher revelam o ambiente familiar como o local que mais ocorrem as agressões, dado confirmado na amostra (BARUFALD, et al., 2017). Desse modo, pode-se afirmar que aumentam as probabilidades de que os filhos dessas mulheres presenciem atos violentos e sofram as consequências de tal situação. Essa questão, então, será melhor explorada a seguir.

As participantes foram questionadas sobre terem passado por algum tipo de violência na infância. Os resultados mostraram que 11 participantes alegaram já ter sofrido violência e 19 alegaram não ter sofrido. Também foi perguntado se as participantes já haviam presenciado a violência conjugal na infância, propagada por outros casais. Em resposta, 6 participantes afirmaram que sim e 24 afirmaram que não. Por fim, e quando questionadas se os filhos já presenciaram a violência cometida pelo parceiro íntimo, 23 afirmaram que sim e 17 afirmaram que não.

Para melhor interpretar esses dados, é importante diferenciar o fato de presenciar a violência e de ter sofrido violência na infância. Quando uma mulher que já passou por algum tipo de violência nos primeiros anos da sua vida volta a ser violentada na idade adulta, entende-se que ela passa pelo processo de revitimização, que significa reviver toda a situação traumática já experienciada (SANTOS, 2012; ANDERSON, et al., 2018). Contudo, é importante ressaltar que uma mulher que presenciou a violência cometida entre outras pessoas, também acaba sendo afetada por todas as consequências negativas de tal situação, mesmo não sendo vítima direta da violência. Essas consequências, por sua vez, podem se tornar transegeneracionais na medida em que os modelos violentos propagados venham a ser assimilados pela criança que cresce em tal contexto como modelo padrão de relacionamento (LATZMAN et al., 2015).

A reabilitação pode gerar inúmeras consequências negativas para a mulher que passa por violência, por exemplo, o transtorno de estresse pós traumático ou de baixa autoestima, além das dificuldades para romper com o agressor e de se envolver em novos relacionamentos amorosos no futuro (MICHAU, et al., 2015). A partir disso, fica evidente a importância do acompanhamento de profissionais que auxiliem as vítimas a lidarem com todas as consequências que surgem após ter tido seus direitos violados. A partir da notificação de violência na infância já é possível desenvolver estratégias que combatam a propagação de tais consequências na vida adulta, bem como a violência de gênero. Além disso, percebe-se uma dificuldade por parte das mulheres que sofrem violência em se relacionarem novamente no futuro, pois acabam desenvolvendo crenças negativas em relação às relações conjugais (CASCIO, et al., 2017). Dessa forma, o psicólogo que atua frente a esta demanda pode ajudar a mulher na resignificação do trauma vivenciado e na criação de novas estratégias de enfrentamento e de proteção.

Percebe-se, através dos resultados deste estudo, que grande parte das mulheres entrevistadas afirmou que seus filhos presenciaram as agressões cometidas contra elas. Esses dados corroboram demais achados na literatura, que apontam que os filhos, na maior parte das vezes, também são afetados pela violência direcionada contra suas mães (LEITE et al., 2017). Nesses casos, a criança pode desenvolver problemas internalizantes e externalizantes, além de sintomas de estresse pós traumático. Portanto, os atendimentos voltados às mulheres vítimas de violência também devem se estender aos seus filhos, na medida em que afetam a saúde mental das crianças que estão nesse contexto (JOURILES et al., 2018). Nesse sentido, a violência contra a mulher pode ser compreendida como um processo multifacetado que não engloba só a vítima e o agressor, mas sim todos os que estão em seu convívio, incluindo os filhos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou um manual com diretrizes de atendimento para os serviços de saúde que atuam frente aos casos de violência contra a mulher. O manual prevê a garantia da segurança das mulheres e de seus filhos e o atendimento para as necessidades de saúde física e psicológica para ambos. Dentre as diretrizes que estão no documento uma delas é a capacitação dos profissionais para identificar o quanto antes a violência contra a mulher, a fim de prevenir a reincidência e fornecer os cuidados e encaminhamentos apropriados para esses casos (WHO, 2017). Portanto, a partir dos resultados encontrados é possível perceber que a maior parte dos filhos das participantes também necessitam de cuidado e atenção para que não venham a repetir os padrões



observados na família de origem. Além disso, percebe-se que uma parte da amostra já havia presenciado violência na infância o que pode levar à vulnerabilidade nas relações na vida adulta. Tais dados mostram a relevância dos serviços de cuidado voltados aos filhos que estão presenciando a violência. Tendo em vista a concepção de que investigar informações sobre a infância das mulheres que sofreram violência é importante para compreender a revitimização e possível transgeracionalidade da violência, na próxima seção serão apresentados e discutidos os dados sobre os estilos parentais de origem das participantes deste estudo.

#### *Estilos Parentais de Origem*

Para identificar os estilos parentais de origem foi utilizado o teste IEP, que classifica os estilos parentais em quatro tipos: ótimo, bom, regular e de risco. A interpretação dos resultados é realizada através do cálculo do percentil das respostas, que podem ser agrupadas em uma das quatro classificações (GOMIDE, 2006). O estilo parental classificado como ótimo refere-se à presença de práticas parentais positivas e ausência de práticas negativas. O estilo bom, apesar de ser acima da média, é marcado pela necessidade de aprimoramento de algumas práticas. O estilo regular, abaixo da média, demonstra que os cuidadores necessitam participar de treinamento para pais. Já o estilo parental classificado como de risco é marcado pelo excesso de práticas negativas, e nesses casos aconselha-se a participação dos cuidadores em programas de intervenção que visem aprimorar e desenvolver práticas mais saudáveis (GOMIDE, 2006). Na Tabela 2, estão descritos os resultados referentes à classificação das práticas parentais encontradas neste estudo.

Tabela 2. Frequências dos estilos parentais de origem da amostra

Estilos Parentais (E. P.)	Mãe	Pai
	Freq. [%]	Freq. [%]
E. P. Ótimo	4 [13,3]	1 [3,3]
E. P. Bom	4 [13,3]	6 [20,0]
E. P. Regular	2 [6,7]	4 [13,3]
E. P. de Risco	20 [66,7]	19 [63,30]

Destaca-se que os estilos parentais que mais pontuaram na amostra foram classificados como sendo de risco em ambas as figuras dos cuidadores, apresentando 66,7% (n = 20) da amostra em relação à mãe e 63,3% (n = 19) em relação ao pai. O estilo parental regular pontuou 6,7% (n = 2) da amostra em relação à mãe e 13,3% (n = 4) em relação ao pai. O

estilo bom apresentou 13,3% (n = 4) na figura da mãe e 20% (n = 6) na figura do pai, e o estilo ótimo 13,3% (n = 6) na mãe e no pai 3,3% (n = 1).

A partir dos resultados expostos, pode-se observar que os estilos parentais investigados na família de origem das mulheres que participaram do estudo foram, em sua maioria, classificadas como práticas de risco, tanto na figura materna como na paterna. De acordo com Granja e Mota (2018) as formas de vinculação e os estilos parentais das figuras dos cuidadores possuem um papel relevante na forma com que os jovens adultos irão estabelecer as suas relações ao longo do desenvolvimento afetivo. Granja e Mota (2018) investigaram a influência dos estilos parentais na escolha amorosa, e identificaram que um estilo parental mais positivo prediz o bem-estar psicológico nas relações afetivas. Nesse sentido, as mulheres que tiveram práticas não tão positivas exercidas pelos seus cuidadores podem apresentar relações afetivas mais dependentes, ambivalentes e pautadas pela evitação, características que são pertencentes à relações violentas e que podem impedir a mulher de conseguir romper com o vínculo abusivo (MONTEIRO; TAVARES; PEREIRA, 2007; WATERS; CUMMINGS, 2000).

Dentre as classificações dos estilos parentais, estão as seguintes práticas que fazem parte do estilo parental de risco: Abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente. As práticas parentais violentas pode ser consideradas como fatores relacionados à problemas sociais e psicológicos, algumas dessas práticas envolvem espancamentos, rejeição, atitudes autoritárias, comportamentos desviantes como criminalidade e abuso de substâncias (GOMIDE, 2006). Em relação ao abuso físico, a literatura aponta que mulheres que passaram por esse tipo de violência na infância, ou que presenciaram violência entre os seus pais, podem vir a naturalizar práticas violentas como formas de resolução de conflitos e apresentarem dificuldade em reconhecer a relação como abusiva (COLOSSI; MARASCA; FALCKE, 2015). Ou seja, as mulheres que estão passando por violência na idade adulta e que foram abusadas fisicamente na infância, podem apresentar mais vulnerabilidade para relacionamentos violentos, e necessitarem de maior ajuda para conseguir romper com o ciclo de violência vivenciado desde a sua infância.

Nesse sentido, o estudo realizado por Falcke et al. (2015) identificou correlações significativas entre as experiências na família de origem e a violência conjugal propagada tanto pelos homens como pelas mulheres, sendo que o abuso físico paterno apareceu como preditor da agressão cometida pelos homens nos relacionamentos. A partir disso, é importante destacar que tanto a vítima como o agressor que perpetua tal violência podem sofrer de

influências nas famílias de origem que irão afetar diretamente na qualidade da relação conjugal (GRANJA; MOTA, 2018).

Os estilos parentais de origem podem influenciar nos fatores de proteção desenvolvidos pelas mulheres para perceberem a relação abusiva que estão vivenciando, e virem a desenvolver comportamentos mais protetivos ao longo das suas relações, como, por exemplo, a busca de suporte social para enfrentar tal situação (HENDY, et al., 2016). Embora nem todas as práticas parentais de risco envolvam abuso físico, como por exemplo a disciplina relaxada, a monitoria negativa e a punição inconsistente, todas elas afetam diretamente na qualidade das relações interpessoais que a criança irá estabelecer na idade adulta. Um exemplo disso é um estudo que constatou que adolescentes que tiveram estilos parentais mais positivos apresentaram maior índice de fator de proteção frente à ciberviolência, sendo que as meninas que apresentaram estilos parentais autoritativos na família de origem tiveram maior pontuação na vitimização desse tipo de violência (MORENO-RUIZ, et al., 2019). Além disso, a identificação dos estilos parentais de origem das participantes permite o desenvolvimento de ações de prevenção que tenham como objetivo a erradicação da violência de gênero e do uso de estratégias saudáveis como resolução de conflitos desde à infância.

Em resumo, a maior parte dos estilos parentais de origem identificados são de risco, o que significa que se caracterizam pelo predomínio de abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente. Entre outros prejuízos, essas práticas parentais podem promover uma relação de apego disfuncional entre os cuidadores e as crianças, de modo a influenciar negativamente nos padrões de apego na vida adulta, bem como as características de personalidade. Na próxima seção, então, serão exploradas as características de personalidade e os estilos de apego das participantes.

### *Estilos de Apego e Traços de Personalidade*

Os tipos de apego referem-se às formas que as pessoas se relacionam umas com as outras. Algumas pessoas tendem a se comportar de forma mais evitativa nos relacionamentos e outras apresentam maior ansiedade, a partir disso eles podem ser classificados como: apego evitativo e apego ansioso (AINSWORTH, et al., 1989). A partir disso, Bartholomew (1990) desenvolveu uma classificação bidimensional, segundo o autor as pessoas percebem as suas relações a partir da a partir da concepção que possuem de si e do outros. Eles são divididos

em quatro tipos: Apego seguro (visão positiva de si e dos outros), apego desligado (visão positiva de si e negativa dos outros), preocupado (visão negativa de si e positiva do outro) e temeroso/amedrontado (visão negativa de si e negativa do outro). No presente estudo, optou-se por utilizar essa classificação a fim de melhor explorar as relações vinculares.

Os dados da Tabela 3 mostram as médias da amostra obtidas na Escala de Estruturas Relacionais (ECR-RS) que mensura os tipos de apego ansioso e evitativo.

Tabela 3- Média da Classificação Dimensional dos Tipos de Apego Primário

Tipos de Apego	Média	Desvio Padrão
Evitativo mãe	3,46	1,69
Ansioso mãe	3,33	2,32
Evitativo pai	3,25	1,59
Ansioso pai	3,0	2,12
Evitativo namo	5,12	1,46
Ansioso namo	3,78	2,29
Evitativo amigo	2,41	1,11
Ansioso amigo	2,88	2,05
Evitativo global	3,62	0,85
Ansioso global	3,23	1,42

A pontuação média da escala é 4 para realizar a classificação dos tipos de apego. Percebe-se que a média do estilo evitativo de apego em relação ao namorado pontuou mais alto na amostra ( $M = 5,12$ ) quando comparado às demais figuras de apego investigadas. Do mesmo modo, o estilo de apego ansioso em relação ao namorado apresentou a maior média ( $M = 3,78$ ). Os cuidadores, mãe e pai, apresentaram pontuações próximas sinalizando a presença de maior apego seguro na amostra, assim como a figura do amigo.

Tabela 4 – Porcentagem dos tipos de vínculos na amostra (%)

Tipos de Apego	Seguro	Desligado	Preocupado	Temeroso
Mãe	56,2	13,3	10,0	20,0
Pai	53,3	26,7	10,0	10,0
Namorado	13,3	30,0	23,3	33,3

Amigo	73,3	6,7	16,7	3,3
-------	------	-----	------	-----

De acordo com o resultado encontrado, a maior parte das mulheres apresentou apego seguro com a figura da mãe (56,2%), do pai (53,3%) e do amigo (73,3). Contudo, percebe-se que apenas uma pequena parcela da amostra apresentou apego seguro com a figura do namorado (13,3%).

A partir disso, as mulheres que apresentaram tais resultados podem apresentar maior vulnerabilidade frente à violência conjugal. Um estudo realizado com 189 mulheres que haviam passado por violência sexual investigou a associação entre os estilos de apego e os sintomas de estresse pós traumático, os resultados demonstraram uma relação entre o estilo de apego inseguro com o desenvolvimento de sintomas de TEPT (BRUNO et al., 2018). Nesse mesmo sentido, outro estudo com mulheres vítimas encontrou uma correlação negativa entre a capacidade de criar estratégias de enfrentamento com o desenvolvimento de sintomas depressivos e com alexitimia (CRAPARO, et al., 2014). A partir disso, fica evidente a influência dos estilos de apego com a capacidade de lidar com a violência sofrida, pode-se inferir que na amostra pesquisada tais vínculos podem ter sido fragilizados por conta das relações amorosas violentas já que na base de origem os estilos apresentaram-se seguros. Nesse sentido, salienta-se a importância da manutenção dos vínculos seguros para que a mulher possa desenvolver estratégias de enfrentamento e mecanismos de proteção.

O estilo de apego inseguro pode ser classificado em três tipos: desligado, preocupado e temeroso. Na amostra pesquisada, a maior parte das mulheres apresentou um tipo de apego temeroso em relação à figura do namorado (33,3%). O tipo de apego temeroso é caracterizado por pessoas que temem e evitam os relacionamentos, pois se sentem incomodadas por dependerem de outra pessoa e possuem visão negativa de si e dos outros. Os outros dois tipos inseguros, desligado e preocupado, também foram frequentes com relação ao namorado (30% e 23,3%, respectivamente). Pessoas com apego desligado tendem a não se envolver de forma significativa nas relações e não se sentem confortáveis em se abrirem com outras pessoas. Já as pessoas com apego preocupado gostam de depender de outras pessoas porém sentem que suas relações não são recíprocas (FRALEY, et al., 2015). Nesse sentido, as mulheres que apresentam tais características em relação aos tipos de apego inseguro, podem vir a ter dificuldade em se relacionar de maneira saudável e segura no futuro, além de apresentarem dificuldades em romper com o agressor. Portanto, as intervenções voltadas para mulheres

vítimas de violência conjugal devem trabalhar os aspectos relacionais, como por exemplo a manutenção de apego seguro, além dos sintomas e consequências psicológicas e físicas.

As primeiras experiência vinculares também interferem no desenvolvimento da personalidade, portanto essa pesquisa também investigou os traços de personalidade das participantes. Foram calculadas as médias dos traços de personalidade a fim de identificar os que mais se destacaram. O traço Neuroticismo apresentou média de 59,87, sendo o que mais se destacou entre as participantes.

Tabela 5 - Pontuação do NEO-FFI-R

Traços	Média	Desvio Padrão
Neuroticismo	59,87	11,826
Extroversão	49,97	10,987
Abertura	51,4	10,467
Amabilidade	52,3	12,799
Conscienciosidade	56,8	10,691

Para testar as possíveis correlações entre os tipos de apego e os traços de personalidade, foi utilizado o teste de *Pearson*. Foi encontrada uma correlação negativa significativa entre amabilidade e apego ansioso global ( $r = -0,371$ ,  $p = 0,048$ ). O traço amabilidade é caracterizado por compreender uma dimensão de tendências interpessoais, envolvendo a capacidade de se colocar no lugar do outro e um comportamento de complacência (COSTA; MCCRAE, 1990). A correlação negativa com apego ansioso global significa que pessoas que possuem alto apego ansioso global (i.e., dificuldades de se relacionar e de se vincular ao outro) tendem a apresentar menor capacidade de se colocar no lugar no outro, o que demonstra coerência na medida que as características do vínculo inseguro se mostram como antagonista à esse traço de personalidade. Ressalta-se, entretanto, que tal relação não se apresentou como sendo passível de ser classificada como -fortell, um dado que também indica a necessidade de relativizar tais achados correlacionais.

O traço de amabilidade representa a terceira maior média na amostra estudada. Nesse sentido, importante destacar que altos níveis de amabilidade podem ser prejudiciais na medida em que são associados ao transtorno de personalidade dependente (COSTA; MCCRAE, 1990). As características da personalidade dependente envolvem baixos níveis de propensão à raiva, que assim como outras emoções pode ser um impeditivo no rompimento com a relação

abusiva. E a mulher que possui alta amabilidade pode naturalizar o seu papel de submissão na relação, já que possui crenças de desvalia e acredita que não conseguirá sobreviver sem depender de outra pessoa (MADALENA; FALCKE; CARVALHO, 2015). Nesse mesmo sentido outro estudo investigou as experiências na família de origem de homens e mulheres e a sua relação com características de transtornos de personalidade. Em relação às mulheres os resultados mostraram que a desconfiança e o estilo de decisão materno podem ser preditores da violência sofrida. Portanto, evidencia-se a importância de estudos que compreendam os fatores relacionados à personalidade que podem prever formas de lidar com a violência (MADALENA; CARVALHO; FALCKE, 2018).

O teste NEO-FFI também classifica os fatores como variáveis categóricas, em cinco níveis, de acordo com as pontuações obtidas, a saber: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto. Para investigar a associação entre os níveis dos fatores de personalidade com os estilos de apego, realizou-se o teste de qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Foram identificadas frequências esperadas menores que 5 em 50% das células, portanto utilizou-se os valores de probabilidade exata de Fisher. Os resultados mostraram uma relação significativa entre neuroticismo e apego com relação ao namorado, com um  $p = 0,019$  e um  $V$  de Cramer de 0,43, considerando todas as categorias de ambas as variáveis. Isso significa que as variações no tipo de apego podem estar associadas com os níveis de neuroticismo. Mais especificamente, 77,8% das mulheres com apego desligado (com relação ao namorado) também apresentaram neuroticismo muito alto, sendo essa a maior das associações encontradas entre essas duas variáveis.

A alta pontuação no traço de personalidade neuroticismo já foi relatada em outras pesquisas com mulheres vítimas de violência (PINTO; VARELA; VINHAL 2012). No mesmo sentido, este traço apresentou a maior média na amostra do presente estudo. As mulheres que possuem alto neuroticismo tendem a experimentar instabilidade emocional e ansiedade frente às relações, podem apresentar alta vulnerabilidade para depressão e apresentam mudanças frequentes de humor (PINTO; VARELA; VINHAL, 2012). Sendo assim, a associação encontrada entre o apego desligado e o traço neuroticismo muito alto pode indicar que essas características em certa medida possuem relação com a dificuldade de vinculação segura. O apego desligado refere-se à indiferença e resistência para investir nas relações de forma segura e saudável. Portanto, as mulheres que possuem ambas características e que acabam passando por violência conjugal podem enfrentar mais dificuldades no rompimento com a relação abusiva, por não possuir relações seguras que lhe ajudem a superar

tal situação. Além disso, podem possuir características que contribuem com o papel de vitimização que pode vir a naturalizar a violência sofrida.



## Considerações Finais

A temática da violência contra a mulher tem sido muito debatida atualmente, na mídia, nas políticas públicas e no meio acadêmico. A mulher que passa por violência pode sofrer graves consequências negativas, que afetam a sua saúde mental e física. Os prejuízos acarretados por conta da violência podem atingir também os filhos que presenciam tal situação em seus lares. Além disso, muitas mulheres que sofrem violência conjugal na vida adulta já presenciaram ou sofreram violência na infância. Nesse sentido, alguns estudos mostram a relação de aspectos transgeracionais e desenvolvimentais com a perpetuação e naturalização da violência nos relacionamentos amorosos. Esses aspectos podem atuar como fatores de risco para a perpetuação do ciclo de violência vivenciado pelas mulheres, pois o que se percebe é que muitas mulheres não conseguem romper com o parceiro agressor e acabam naturalizando a situação vivenciada. Nesse sentido, se faz importante investigar possíveis preditores desenvolvimentais da família de origem de mulheres que sofreram violência conjugal. Tais estudos podem contribuir na prevenção da violência contra a mulher, além de servir como base para intervenções que lhe auxiliem no enfrentamento de tal situação.

O presente estudo avaliou os estilos parentais de origem, tipos de apego e características de personalidade de mulheres que haviam passado por violência perpetuada pelo parceiro íntimo. Em relação aos estilos parentais, os resultados mostraram que a maior parte da amostra apresentou estilo parental de risco na família de origem. Tendo em vista a importância dos primeiros modelos das figuras dos cuidadores para o desenvolvimento como um todo, percebe-se que as participantes não possuíram modelos predominantemente seguros. Tais modos de cuidado por parte dos cuidadores influenciam nos fatores de proteção que as mulheres poderiam vir a desenvolver frente à violência perpetuada pelo parceiro. Além disso, algumas práticas parentais de risco como, por exemplo, o abuso físico, acarretam graves prejuízos cognitivos e emocionais ao longo do desenvolvimento, e já constituem, por si mesmas, uma forma de violação.

Quanto aos estilos de apego, percebe-se que as participantes demonstraram ter apego seguro nas duas figuras parentais e em relação ao amigo. Contudo, com a figura do namorado apresentaram, majoritariamente, apego inseguro. Nesse sentido, é importante ressaltar que embora as práticas parentais tenham se apresentado como de risco na amostra, os tipos de apego foram seguros em relação aos cuidadores. A partir disso, pode-se inferir que algumas

práticas parentais de risco podem ser naturalizadas e não identificadas como disfuncionais (i.e., naturalização da violência). Desse modo, um estilo parental de risco pode, todavia, estar associado a uma percepção de apego seguro, por conta de tal naturalização. Em relação aos tipos de apego inseguro, o apego amedrontado foi o que se mais destacou. Esse tipo de apego refere-se à visão negativa de si e do outro, e à uma grande dificuldade de se vincular de modo saudável.

Por fim, foram avaliados os traços de personalidade das participantes, a fim de investigar possíveis relações com os tipos de apego, tendo em vista que a literatura aponta a influência de ambos na forma com que a pessoa estabelece suas relações. Os resultados mostraram uma correlação negativa entre amabilidade e apego inseguro global. Isso significa que, uma vez que conseguem ser empáticas com os outros, mulheres com alta amabilidade tendem a desenvolver relações mais seguras. Contudo, também podem se envolver em relações excessivamente dependentes, por conta das facetas que caracterizam este traço (i.e., confiança, fraqueza, altruísmo, complacência, modéstia e sensibilidade). Por outro lado, mulheres com baixa amabilidade tendem a desenvolver relações mais inseguras, pois tendem a ser mais egocêntricas, pouco empáticas e paranoides. Tendo em vista a relação entre essas variáveis, considera-se que os níveis de amabilidade podem influenciar o quanto que as mulheres se sentem seguras ou não com relação às suas figuras de apego, ao mesmo tempo que essas relações de apego podem ter influenciado na formação deste traço de personalidade. Futuros estudos podem buscar compreender melhor a relação entre essas características na dinâmica do ciclo de violência.

Os resultados mostraram, também, uma associação entre o traço neuroticismo e o apego com relação ao namorado. Mais especificamente, a maior parte das mulheres que apresentavam neuroticismo muito alto também tinham um apego desligado com relação à figura do namorado. Escores altos em neuroticismo indicam uma tendência a vivenciar emoções negativas (i.e., instabilidade emocional), apresentar ideias irracionais e vulnerabilidade ao estresse. Nesse sentido, pode-se inferir que mulheres que apresentam alto neuroticismo possuem dificuldades nas relações interpessoais e podem se mostrar mais resistentes à vincular-se com outras pessoas, além disso tal resistência pode ser influenciada por uma crença de desvalorização. Portanto, destaca-se a importância do fortalecimento dessas mulheres através de intervenções que compreendam essas vulnerabilidades frente à todo ciclo de violência vivenciado.

As principais limitações desse estudo envolveram o tamanho amostra. Acredita-se que, pelo fato da coleta ter sido realizada em delegacias, muitas vezes o tempo predestinado à participação da pesquisa influenciou na decisão por não participar da pesquisa. Além disso, destaca-se que a utilização de outros instrumentos que coletassem mais informações sobre a infância poderiam auxiliar no entendimento dos aspectos transgeracionais da violência. Observou-se que, muitas vezes, a participante relatava não ter passado por violência na infância, mas durante as testagens comentava sobre situações que registravam atos violentos por parte de cuidadores.

Os resultados encontrados nesta pesquisa mostram a necessidade de intervenções que trabalhem aspectos desenvolvimentais positivos como fatores de proteção à violência conjugal. As primeiras experiências nas famílias de origem podem influenciar na forma com que a mulher irá estabelecer suas relações, e na identificação precoce de relacionamentos abusivos. Além disso, por entender a violência como um aspecto relacional, é importante destacar a importância de intervenções para casais que visem trabalhar estratégias não violentas a serem utilizadas em resoluções de conflitos.

## REFERÊNCIAS

- ADEODATO, V. G. et al. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 108-113, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102005000100014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102005000100014&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 20 ago. 2018.
- AINSWORTH, M. D. S. Object relations, dependency and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. **Child Development**, v. 40, p. 969-1025, 1989.
- AINSWORTH, M. D. S., BLEHAR, M. C., WATERS, E., & WALL, S. **Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation**. Oxford: Lawrence Erlbaum, 1978.
- ALI, N. et al. Factors associated with intimate partner violence against women in a mega city of South-Asia: multi-centre cross-sectional study. **Hong Kong Med**, v. 20, n. 4, p. 297-303, ago. 2014.
- ANDERSON, K.; BANG, E. J. Assessing PTSD and resilience for females who during childhood were exposed to domestic violence. **Child and Family Social Work**, v. 17, n.
- ANDERSON, R. E. et al. Intergenerational transmission of child abuse: Predictors of child abuse potential among racially diverse women residing in domestic violence shelters. **Child Abuse & Neglect**, 2018. doi:10.1016/j.chiabu.2018.08.004.
- BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1977
- BARTHOLOMEW, K. Avoidance of Intimacy: An Attachment Perspective. **Journal of Social and Personal Relationships** .V.7, N. 2, P. 147-178.1990.
- BARTHOLOMEW, K., SHAVER, P. R. **Methods of assessing adult attachment: Do they converge?** In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), Attachment theory and close relationships, p. 25-45. New York, NY, US: Guilford Press, 1998.
- BARUFALDI, L. A. et al. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2929-2938, Set. 2017. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232017002902929&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232017002902929&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 22 Out. 2017.

BÉLANGER, et al. The Impact of Attachment on Intimate Partner Violence Perpetrated by Women. *The American Journal of Family Therapy*, 43(5), 441–453, 2015.

BOWLBY, J. Uma base segura: **Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

BRASIL. Lei nº 13.104/ 2015 de 09 de Março. **Lei do Femicídio**. Presidência da República, 2015.

BRASIL. Presidência da República (PR). Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. Brasília: PR; 2011.

BRASIL. **Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde/MS sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos**. Diário Oficial da União: Ministério da Saúde, 2016.

BRUNO, J., et al. Impact of attachment styles in the development of traumatic symptoms in French women victims of sexual violence. *Sexologies*, no prelo, 2018.

CALVETE, E.; ESTÉVEZ, A.; CORRAL, S. Intimate partner violence and depressive symptoms in women: Cognitive schemas as moderators and mediators. *Behavior Research and Therapy*, v. 45, n. 4, p. 791-804, 2007.

CASCIO, M. L., et al. Environmental Dysfunctions, Childhood Maltreatment and Women's Intimate Partner Violence Victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 1: 886260517711176, 2017.

CEZAR, P. K.; ARPINI, D. M.; GOETZ, E. R. Registros de Notificação Compulsória de Violência Envolvendo Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão* v. 37 n. 2, 432-445, Abr/Jun, 2017.

COLOSSI, P. M., MARASCA, A. R., FALCKE, D. De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. **Psico (Porto Alegre)**, n. 46, v. 4, p. 493-502, 2015.

COLOSSI, P.M.; FALCKE, D. Gritos do Silêncio: a violência Psicológica no Casal. **Psico PUCRS**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 310-318, jul./set 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11032/10404>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência**. Conselho Federal de Psicologia, Brasília: CFP, 2012.

COSTA, P. T., MCCRAE, R. R. Normal personality assessment in clinical practice: The NEO Personality Inventory. **Psychological Assessment**, n. 4, v. 1, 5-13, 1992.

CRAPARO, G., et al. Intimate Partner Violence: Relationships Between Alexithymia, Depression, Attachment Styles, and Coping Strategies of Battered Women. **The Journal of Sexual Medicine**, n. 11, v. 6, 1484–1494, 2014.

FALCKE, D.; FERES-CARNEIRO, T. Reflexões sobre a violência conjugal. Diferentes contextos, múltiplas expressões. In: A. WAGNER (Coord.). **Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisa e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011. cap. 4, p. 72-85.

FEENEY J.A.; KARANTZAS G. C. Couple conflict: insights from an attachment perspective. **Curr Opin Psychol**, n. 13, 60-64, 2017.

FLORES-MENDOZA, C. **Manual do NEO-PI-R e NEO-FFI**. São Paulo: Vetor Editora, 2007.

FONSECA, D. H. DA, RIBEIRO, C. G.; LEAL, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**; v. 24, n. 2, p. 307-314, 2012.

FONSECA, P. M. D. ; LUCAS, T. N. S. Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas. Salvador, BA. Trabalho de conclusão de curso. **Fundação Baiana para o Desenvolvimento das Ciências**, 2006, 24 p.

FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/> . Acesso em: Nov, 2017.

FOURNIER, B.; BRASSARD, A.; SHAVER, P. R.. Adult attachment and male aggression in couple relationships: The demand-withdraw communication pattern and relationship satisfaction as mediators. **Journal of Interpersonal Violence**, n. 26 v.10, 1982–2003, 2011.

FOX, J. A.; ZAWITZ, M. W. Homicide trends in the U.S.: 2002. **Washington: Bureau of Justice Statistics**; 2004. Crime Data Brief. Disponível em: <https://www.bjs.gov/content/pub/pdf/htus02.pdf> Acesso em : 8 out, 2017.

FRALEY, R. C., et al. Are adult attachment styles categorical or dimensional? A taxometric analysis of general and relationship-specific attachment orientations. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 109, n. 2, 354-68, 2015.

FRANKLIN, C. A., KERCHER, G. A.. The intergenerational transmission of intimate partner violence: Differentiating correlates in a random community sample. **Journal of Family Violence**, 27(3), 187-199, 2012.

GADONI-COSTA, L. M.; ZUCATTI, A. P. N.; DELL'AGLIO, D. D.. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estud. psicol. (Campinas)**, Jun vol.28, no.2, p.219-227, 2011.

GAVIDIA, P. M.P. , CENDALES, N. E. T.; ANACONA, C. A R.. Mujeres que finalizaron una relación maltratante: características de personalidad, psicopatológicas y sociodemográficas. **Universitas Psychologica**, v. 11, n. 1, p. 43-54, 2012.

GEZEN, M., ORAL, E. T. Attachment Styles and Degree of The Psychological Symptoms in Women Staying in a Shelter for Battered Women or in Their Home Where They were Exposed to Violence. **The Journal of Psychiatry and Neurological Sciences**, 26, 65-71, 2013.

GIRME et al. The Ebbs and Flows of Attachment: Within-Person Variation in Attachment Undermine Secure Individuals' Relationship Wellbeing Across Time. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 114 v 13, 2017.

GLEITMAN, H., FRIDLUND, A. J., REISBERG, D. *Psicologia* (8ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

- GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais (IEP). Modelo Teórico, Manual de Aplicação, apuração e interpretação.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- GRANJA, M. B., MOTA, C. P. Estilos parentais e vinculação amorosa: efeito mediador do bem-estar psicológico em jovens adultos. **Avances en Psicología Latinoamericana**, n. 36, v. 1, 93-109, 2018.
- GUZMÁN, M., CONTRERAS, P. Estilos de apego en relaciones de pareja y su asociación con la satisfacción marital [Attachment styles in couples and their association with marital satisfaction]. **Psykhé: Revista de la Escuela de Psicología**, v.21 n.1, 69-82, 2012.
- HADDEN, B. W. C.; SMITH V.; WEBSTER G. D. Relationship Duration Moderates Associations Between Attachment and Relationship Quality: Meta-Analytic Support for the Temporal Adult Romantic Attachment Model. **Society for Personality and Social Psychology**, v.18 n. 1, p. 4258, 2013.
- HAMBERGER, L. K. Twenty-Five years of change in working with partner abusers—Part II: observations from the trenches about changes in understanding of abusers and abuser treatment. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, n. 17 v. 1, 1-22, 2008.
- HENDY, et al. Parental models of family violence and associations with partner violence for college women from three countries. **Journal of Family Violence**, n. 31, v. 6, 689-695, 2016.
- HOLROYD, K. A.; COYNE, J. Personality and health in the 1980's: psychosomatic medicine revisited? **Journal of Personality**, v. 55, n. 2, p. 359-375, 1987.
- J. PARK, C. Intimate partner violence: An application of attachment theory. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 26(5), 488–497, 2015.
- JAFFE. S. R. Child Maltreatment and Risk for Psychopathology in Childhood and Adulthood. **Annu. Rev. Clin. Psychol.** v. 13, p. 525–51, 2017.
- JOURILES, E. N. et al. Mothers' posttraumatic stress and child adjustment problems in families seeking services for intimate partner violence. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, n. 86, v. 7, 604-614, 2018.



JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 227-235, 2003.

KIND L, ORSINI M. L.P.; NEPOMUCENO V.; GONÇALVES L.; SOUZA G.A.; FERREIRA M. F.F. Subnotificação e (in)visibilidade da violência contra mulheres na atenção primária à saúde. **Cad Saude Publica**, n. 29, v. 9, p.1805-1815, 2013.

KOZLOWSKI, L. et al. Depressão e traços de personalidade em mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 26, n. 3, p. 211-5, 2004.

KRINDGES, C. A.; MACEDO, D. M.; HABIGZANG, L. F. Abuso sexual na infância e suas repercussões na satisfação sexual na idade adulta de mulheres vítimas. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo , v. 9, n. 1, p. 60-71, jun. 2016 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198334822016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822016000100006&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 24 ago, 2017.

LATZMAN N. E, et al. Adolescent Dating Violence Perpetration: Role of Exposure to Intimate Partner Violence and Parenting Practices. **Am J Prev Med**. n. 49v. 3p.476-82 , 2015.

LEITE, F. M. C., et al. Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.51, n. 33, p. 1-12, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt\\_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006815.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006815.pdf)>.

Acesso em: 2 ago. de 2018.

MACDONALD, M. Women prisoners, mental health, violence and abuse. **International Journal of Law and Psychiatry**. v. 36, n 3-4, p. 293-303, 2013.

MACHADO, C.; GONÇALVES, R. A. **Violência e Vítimas de Crimes**. Coimbra: Quarteto, 2003.

MADALENA, M. B. A.; FALCKE, D.; CARVALHO, L. F. Violência conjugal e funcionamentos patológicos da personalidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 2, 122-139, 2015.

MADALENA, M.; CARVALHO, L. F.; FALCKE, D.. Violência Conjugal: O Poder Preditivo das Experiências na Família de Origem e das Características Patológicas da Personalidade. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto , v. 26, n. 1, p. 75-91, Mar. 2018 .

MAYER, L. R. **Rede de Apoio Social e representação mental das relações de apego de meninas vítimas de violência doméstica**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MAYER, L. R.; KOLLER, S. H. **Rede de apoio social e representação mental das relações de apego de crianças vítimas de violência doméstica**. In: Luísa F. Habigzang; Silvia H. Koller. (Org.). *Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática*. 1ed. Porto Alegre: Artmed, 2012, v. 1, p. 11-280

MCFARLANE, J., et al. Predicting abused women with children who return to the abuser: Development of a risk assessment tool. **Journal of Threat Assessment and Management**, n. 1, v. 4, 274-290, 2014.

MENDONÇA M. F. S.; LUDERMIR A. B. Violência por parceiro íntimo e incidência de transtorno mental comum. **Revista de Saúde Pública**. v. 51, n. 32, p. 1-8, 2017.

MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A. P. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 9, p. 3077-3086, set. 2017 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232017002903077&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232017002903077&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em 19 nov. 2018.

MENEZES, A. L. T. Mulheres: fruto de dominação e fruta para libertação! In: M. STREY, F. MATTOS, G. FENSTERSEIFER, G. WERB (Coord). **Construções e perspectivas em gênero**. São Leopoldo: UNISINOS, 2011. p. 125-134.

MICHAU L. et al. ZIMMERMAN C. Prevention of violence against women and girls: lessons from practice. **Lancet**, v 385, n.. 9978, p 1672–1684, 25 Abril 2015

MONTEIRO, S.; TAVARES, J.; PEREIRA, A. Relação entre vinculação, sintomatologia psicopatológica e bem-estar em estudantes do primeiro ano do ensino superior. **Psicologia, Saúde & Doenças**, n. 8, v. 1, 83-93, 2007.

MOREIRA, V., BORIS, G. D. J., & VENÂNCIO, N. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. **Psicologia & Sociedade**, n. 23, v. 2, p. 398-406, 2011.

- MORENO-RUIZ, D., MARTÍNEZ-FERRER, B., & GARCÍA-BACETE, F. Parenting styles, cyberaggression, and cybervictimization among adolescents. **Computers in Human Behavior**, n. 93, 252–259, 2019.
- NARVAZ, M. 2005. Submissão e resistência: Explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 195 p.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas. **Psico**, v. 37 n.1, p. 7-13, 2006.
- NUNES, C. H. S.; HUTZ, C. S. O modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. In: NUNES, C. H. S. & HUTZ, C. S., PRIMI, R. **Temas em avaliação psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Porto Alegre: IBAP, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: 2014. 254pp.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Natureza, magnitude e consequências da violência sexual e da violência por parceiro íntimo**. In: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção da Violência Sexual e da Violência pelo Parceiro Íntimo Contra a Mulher: Ação e produção de evidência**. Genebra: OMS; 2012. p. 11-17; 2004.
- PADOVANI, R. C. WILLIAMS, L. C. A. Estilo parental de origem e ansiedade em homens com histórico de agressão à parceira. **Estud. psicol. (Natal) [online]** v.6, n.3, pp.263-269, 2011.
- PAIM, K., MADALENA, M.; FALCKE, D. Early maladaptive schemas in marital violence. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 8, n. 1, p. 31-39. 2012.
- PASINATO W. **Diretrizes nacionais Femicídio. Investigar, processar e julgar com a perspectiva de gênero. As mortes violentas de mulheres**. Brasília: ONU Mulheres, Secretaria de Política para as Mulheres, Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2016.
- PEDERIVA, R. E.; MELO, A. G. Violência contra a mulher: a permanência da mulher na relação violenta após a denúncia e a retirada da queixa. **Unoesc & Ciência - ACBS Joaçaba**, v. 7, n. 2, p. 221-228, jul./dez. 2016.

PEDROSA, M.; ZANELLO, V. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. esp 214, p. 1-8, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32nspe/1806-3446-ptp-32-spe-e32ne214.pdf>> Acesso em: 28 out, 2017.

PINTO, M.; VARELA, A. M.; VINHAL, A.A Personalidade das Vítimas de Violência Conjugal. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto , n. 8, p. 25-29, dez. 2012. Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S164721602012000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164721602012000200004&lng=pt&nrm=iso) . Acessos em 2 nov. 2017.

PORTO, M. Violência contra a mulher e atendimento psicológico: o que pensam os/as gestores/as municipais do SUS. **Psicol. cienc. Prof**, v. 26, n.3, pp.426-439, 2006.

PORTO, M.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. A permanência de mulheres em situações de violência: considerações de psicólogas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 3, n. 3, p. 267-276, 2014 Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000300004>>.

RADA. **Violence against women by male partners and against children within the family: prevalence, associated factors, and intergenerational transmission in Romania, a cross-sectional study**. BMC Public Health, p 14-129, 2014.

REBOLLO, I. & HARRIS, J. R. Genes, ambiente e personalidade. In C.E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.). Introdução à Psicologia das diferenças individuais (pp. 300-322). Porto Alegre: Artmed, 2006.

REIS, A. A. O atendimento psicológico às mulheres em situação de violência no Centro de Referência Maria do Pará: um balanço após dois anos de funcionamento. *Revista do NUFEN*, v. 2, n. 1, p. 134-139, 2010. Disponível em:[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217525912010000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912010000100008&lng=pt&tlng=pt) . Acesso em 10 out, 2017.

ROCHA, G. M. A. et al . The Experiences in Close Relationships - Relationship Structures Questionnaire (ECR-RS): validity evidence and reliability. **Psico-USF**, Itatiba , v. 22, n. 1, p. 121-132, Abr. 2017.

RUSSEL D. **Femicide: The Politics of Women Killing**. New York: Twayne Publisher; 1992.

SÁ, S. D.; WERLANG, B. S. G. Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**. 2013, v. 6, n.2, pp. 106-116..

SA, S. D.; WERLANG, B. S. G.. Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínic**, São Leopoldo , v. 6, n. 2, p. 106-116, 2013.

SANTOS, A. C. W.; MOREÉ, C. L. O. Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. **Paidéia**, v. 21, n. 49, p 227-235, maio-ago, 2011. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/10.pdf>>. Acesso em 12 out, 2017.

SANTOS, C. A. **Enfrentamento da revitimização: a escuta de crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

SANTOS, D. T.; MARQUES, A. D. A convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres no Brasil: Implicações nas políticas públicas voltadas às mulheres indígenas. **Revista Dialogus**, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em : <<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/>>. Acesso em 3 Jun. 2017.

SCHRAIBER, L. B.; OLIVERA, A. F. **O que devem saber os profissionais de saúde para promover os direitos e a saúde das mulheres em situação de violência doméstica**. São Paulo: Fundação Ford, 2003, 38pp.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. Dados abertos, 2015. Disponível em: <http://www.spm.gov.br>.

SERAFIM, A. P. et al. **Avaliação Neuropsicológica Forense**. Pearson/Casa Do Psicologo, 2017.

SILVA L. E.L, OLIVEIRA M. L. C. Violence against women: systematic review of the Brazilian scientific literature within the period from 2009 to 2013. **Cienc Saude Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3523-32. Nov. 2015.

SILVA, L.L.D.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. D. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n 21, p. 93-103, 2007.

WAGNER, A. (Org.), **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WAGNER, A. E .; FALCKE. D. Satisfação conjugal e transgeracionalidade. **Psicologia Clínica**, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2001.

WAINER, et al., **Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: Integração em Psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WALKER, L.. **The Battered Woman Syndrome**. New York, Harper and Row, Ed. 4. 512 pp, 2016.

WATERS, E.; CUMMINGS, E. M. A secure base from which to explore close relationships. **Child Development**, n. 71, 164-172, 2000.

WOODHOUSE, S. A., S.; FIELDA, A. P. The relationship between adult attachment style and post-traumatic stress symptoms: A meta-analysis. **Journal of Anxiety Disorders** Volume, n. 35, 103-117, 2015.

WOODWARD, M. J., et al. How do attachment style and social support contribute to women's psychopathology following intimate partner violence? Examining clinician ratings versus self-report. **Journal of Anxiety Disorders**, 27(3), 312–320, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). 2014. Sexual Abuse and Neglect. Disponível em:< [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/child/en/](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/child/en/)>. Acesso em: 12 out. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Strengthening health systems to respond to women subjected to intimate partner violence or sexual violence: a manual for health managers**. Geneva: World Health Organization, 2017.

**ANEXOS****Anexo A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA****CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título do estudo:** Avaliação psicológica de indivíduos em situação de violência e conflito jurídico

**Pesquisador responsável:** Thamires Pereira Barbosa

**Orientador:** Prof. Dr. Silvio José Lemos Vasconcellos

**Instituição/Departamento:** Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM

**Telefone e endereço postal completo:** (55) 3220-9304. Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3204, 97105-970 - Santa Maria - RS.

**Local da coleta de dados:** Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher de Santa Maria/RS (DEAM/SM-RS).

Eu, Thamires Pereira Barbosa responsável pela pesquisa –Avaliação psicológica de indivíduos em situação de conflito jurídico, o convido para participar como voluntário do nosso estudo. Esta pesquisa pretende avaliar aspectos da personalidade e maus tratos na infância de mulheres em situação de violência conjugal. Acreditamos que esta pesquisa poderá auxiliar na compreensão e avaliação de padrões comportamentais característicos em situações de conflito conjugal a fim de contribuir com um entendimento social e científico na área da Psicologia Jurídica.

Para sua realização será feito o seguinte: com a aprovação pelo Comitê de ética em Pesquisa da UFSM, os participantes serão informados da pesquisa, através da DEAM/SM-RS, e convidados a participar da mesma. Será feita uma explicação sobre a pesquisa para aqueles

que aceitarem o convite. A aplicação dos testes após a entrega deste documento (TCLE) em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador. O presente documento será lido e assinado, e, logo após será realizada a coleta dos dados, com a presença da pesquisadora e da participante, com previsão de duração de aproximadamente quarenta minutos. A pesquisadora se colocará a disposição para esclarecer possíveis dúvidas dos participantes.

Sua participação constará em responder, inicialmente, a um rápido questionário para coletar dados sobre sexo, idade, nível de instrução, tempo de união, tempo de separação, número de filhos, tentativas de acordo, envolvimento em outros processos judiciais e se já fez algum acompanhamento psicológico. Posteriormente será aplicada a Escala de Maus Tratos na Infância, a Escala de Estilos Parentais e posterior, o teste NEO-FFI de personalidade. Poderão ocorrer alguns desconfortos ou riscos durante a participação na pesquisa, tais como: cansaço ao responder os testes, desconforto ao pensar sobre questões contidas no questionário.

Entre os riscos da presente pesquisa destaca-se:

- 1) Desconforto em decorrência das questões presentes nos instrumentos utilizados na coleta de dados
- 2) Mobilização de alguns sintomas psicológicos
- 3) Acesso a memórias decorrentes da violência sofrida que mobilizem questões emocionais

Portanto, para minimiza tais riscos, as participantes serão esclarecidas que a qualquer momento, caso haja desconforto durante a participação no estudo, as mesmas poderão vir a interromper a sua participação sem que para isso, haja nenhum dano em relação à sua integridade física, mental e no contexto em que está inserido.

Da mesma forma, a pesquisa não apresenta vínculo com os processos judiciais em andamento, sendo assim, o caso de desistência não afetará em nenhuma esfera as questões do âmbito jurídico..

Entre os benefícios que a pesquisa aqui descrita poderá proporcionar estão: a identificação e encaminhamento de mulheres que passaram por situação de violência e que necessitem de acompanhamento psicológico; a possibilidade das participantes tirarem dúvidas sobre os temas abordados na pesquisa, ação que se espera realizar conjuntamente com um serviço assistencial da cidade a fim de compartilhar os resultados encontrados. Além disso, os resultados encontrados na pesquisa poderão propiciar reflexões no entendimento da situação vivenciada por mulheres que se encontram em situação de violência e que não conseguem



romper com a dinâmica, a fim de colaborar com futuras intervenções voltadas à este público, especialmente na atuação de psicólogos que atuam na rede de proteção a violência.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pela Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) da Universidade Federal de Santa Maria, a qual é um espaço que possibilita a prestação de atendimento/tratamento psicológico à crianças, adolescentes, adultos e idosos. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

---

Assinatura do voluntário

---

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, RS, Brasil, 2018.

**ANEXO B - ESCALA DE RELACIONAMENTOS PRÓXIMOS – (ESTRUTURAIS  
RELACIONAIS - ECR-RS)**

Esse questionário foi desenvolvido para avaliar a maneira pela qual você representa mentalmente as pessoas importantes em sua vida. Você será solicitado a responder a perguntas sobre seus pais, parceiros (as) amorosos e amigos. Por favor, indique até que ponto você concorda ou discorda com cada afirmação, circulando um número para cada item.

---

Por favor, responda às seguintes perguntas sobre / pensando em seu namorado ou cônjuge

Observação: Se você não está namorando ou casado (a) atualmente, responda essas perguntas com respeito a um (a) ex-parceiro (a), ou uma relação amorosa que você gostaria de ter.

---

1. Ajuda me aproximar desta pessoa nos momentos em que eu preciso.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente
  
2. Eu normalmente discuto meus problemas e falo sobre minhas preocupações com essa pessoa.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente
  
3. Eu converso repetidamente com esta pessoa a fim de chegar a uma conclusão.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente
  
4. Eu acho fácil depender desta pessoa.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente
  
5. Eu não me sinto confortável para me abrir com esta pessoa.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente
  
6. Eu prefiro não mostrar a esta pessoa como eu realmente me sinto.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente

7. Eu frequentemente me preocupo pelo fato desta pessoa não se importar comigo.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente
  
8. Eu tenho medo que esta pessoa possa me abandonar.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente
  
9. Eu me preocupo que esta pessoa não se importe comigo tanto quanto eu me importo com ela.  
discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 concordo totalmente

## ANEXO C - FICHA SOCIODEMOGRÁFICA E DADOS GERAIS DA VIOLÊNCIA

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 1. Dados de identificação:

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_ Sexo: ( ) F ( ) M ( ) Outro \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Raça: ( ) Negra ( ) Branca ( ) parda ( ) não declarar

### 2. Estado Civil:

( ) Solteiro(a) ( ) União Estável

( ) Casado(a) ( ) Divorciado(a)

( ) Viúvo(a) ( ) Separado(a)

( ) Outro \_\_\_\_\_

### 3. Escolaridade:

( ) Analfabeto(a)

( ) Ensino Fundamental Incompleto

( ) Ensino Fundamental Completo

( ) Ensino Médio Incompleto

( ) Ensino Médio Completo

( ) Ensino Superior Incompleto

( ) Ensino Superior Completo

( ) Outro \_\_\_\_\_

4. Ocupação: \_\_\_\_\_

### 5. Renda familiar:

( ) Menor que um salário mínimo

( ) 1 salário mínimos

( ) 2 salários mínimos

( ) 3 salários mínimos

( ) 4 salários mínimos

( ) 5 salários mínimos

Mais de 5 salários mínimos

**6. Número de filhos:**

Nenhum  Um  Dois  Três  Quatro  Cinco  Mais de 5 Quantos? \_\_\_\_\_

**6.1 Os seus filhos já presenciaram as situações de violência?**

sim  não

**7. Dados sobre o ocorrido:**

**7.1 Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**7.2 É sua primeira denúncia?**  Sim  Não. Se não, quantas já realizou? \_\_\_\_\_

**7.3 Tempo entre o último ocorrido e a denúncia:**

Menos de 24 horas

Entre 2 e 7 dias

Entre 7 e 28 dias

Mais de 28 dias

**7.4 Há quanto tempo sofre agressão por esta pessoa?** \_\_\_\_\_

**7.5 Já sofreu violência cometida por outra pessoa (se sim, qual)?**

\_\_\_\_\_

**8. Fonte da procura/encaminhado por:**

Espontânea  Mãe  Pai  Irmão  Vizinho  Amigo  Outro.

Quem? \_\_\_\_\_

**9. Informações sobre a violência**

Alguma vez seu parceiro a obrigou a ter relações sexuais contra sua vontade, a impediu de utilizar métodos contraceptivos ou a obrigou a realizar aborto?

Alguma vez o seu parceiro lhe empurrou ou bateu em você ?

Alguma vez o seu parceiro quebrou ou destruiu algum bem material seu?

Alguma vez seu parceiro lhe xingou e lhe ofendeu através de palavras?

- Alguma vez o seu parceiro inventou fofocas e mentiras a seu respeito?  
 Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**10. Frequência do ocorrido:**

- Diariamente                       Semanalmente  
 Quinzenalmente                       Mensalmente  
 Outro \_\_\_\_\_

**11. Local onde a agressão ocorre ou ocorreu:**

- Casa                       Trabalho  
 Rua                       Outro. Onde? \_\_\_\_\_

**12. Parentesco com o agressor:**

- Marido/esposa                       Namorado(a)  
 Ex-marido/esposa                       Ex-namorado(a)  
 Amasiado (a)                       Vizinho  
 Ex-companheiro(a)                       Desconhecido

**13. Idade do agressor:** \_\_\_\_\_

**14. Tempo de relação com o agressor:** \_\_\_\_\_

**15. Causas presumíveis da violência sofrida:**

- Drogas                       Negligência  
 Legítima defesa                       Questões familiares  
 Dinheiro/bens                       Bebida  
 Filhos                       Desentendimento  
 Ciúmes                       Traição  
 Sem motivo aparente                       Outro \_\_\_\_\_

**16. Realizou boletim de ocorrência?**  Sim  Não

**16.a Solicitou medida protetiva?**  Sim  Não

**16.b Pretende solicitar medida protetiva?** ( ) Sim ( ) Não

**17. Já sofreu algum tipo de violência na infância?** (Psicológica, física, abuso sexual, negligência, abandono)

( ) Sim ( ) Não

**Qual? \_\_\_\_\_ 18.**

**Já presenciou violência na infância entre os seus pais, avós ou cuidadores? Se sim, por quem?**

\_\_\_\_\_

**19. Faz uso de medicação? Se sim, qual? \_\_\_\_\_**

**20. Já teve acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico? Se sim, qual o motivo da procura e/ou diagnóstico?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**21. Possui algum problema físico? Se sim, qual?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**22. Como você compreende a violência sofrida ?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**23. Quais recursos você utiliza ou utilizou para lidar/ enfrentar a violência sofrida?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**24. Em sua opinião a violência contra a mulher é um problema de ordem:**

( ) Individual ( ) Social ( ) Natural em relacionamentos amorosos



**25. Além da Delegacia você já buscou atendimento ou ajuda em outro serviço? Se sim, qual?**



---

**26. Como você avalia a rede de apoio dos serviços de proteção para as mulheres em situação de violência?**

## ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E</p>	
<p><b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b></p>		

### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** Avaliação psicológica de indivíduos em situação de violência e conflito jurídico

**Pesquisador:** Silvio José Lemos Vasconcelos

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 87344018.9.0000.5346

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.012.140

**Apresentação do Projeto:**

Pela notificação o proponente apresentou emenda ao projeto intitulado "Avaliação psicológica de indivíduos em situação de violência e conflito jurídico".

A emenda foi justificada nos seguintes termos: "A amostra inicial prevista não foi alcançada na instituição para qual a mesma estava inicialmente autorizada, portando a pesquisa também será desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria a fim de atingir a amostra. As novas autorizações institucionais foram anexadas. O cronograma foi atualizado."

Em função dos documentos apresentados, a emenda pode ser aprovada.

**Objetivo da Pesquisa:**

:

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

:

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

:

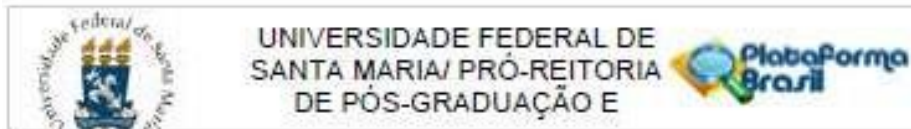
Endereço: Av. Itália, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar

Bairro: Camobi CEP: 97.105-970

UF: RS Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3220-6982

E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.012.140

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

.

Recomendações:

.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

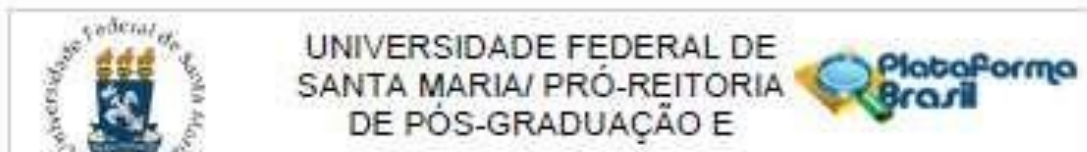
.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_124363_6_E2.pdf	08/11/2018 13:54:15		Aceito
Outros	EMENDA2.pdf	22/10/2018 21:08:57	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTOZOOTECNIA.pdf	22/10/2018 21:07:21	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTOVETERINARIA.pdf	22/10/2018 21:07:09	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTOCCR.pdf	22/10/2018 21:07:00	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTOAGRONOMIA.pdf	22/10/2018 21:06:52	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaouniguaiana.pdf	12/07/2018 15:06:51	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Outros	EMENDA.pdf	12/07/2018 14:45:19	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Outros	CEIP.pdf	03/04/2018 15:23:17	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	30/03/2018 22:21:15	Silvio José Lemos Vasconcelos	Aceito
TCLE / Termos de	termoestudo2.pdf	30/03/2018	Silvio José Lemos	Aceito

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar  
 Bairro: Camobi CEP: 97.105-970  
 UF: RS Município: SANTA MARIA  
 Telefone: (51)3220-9382 E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.012.140

Assentimento / Justificativa de Ausência	termoestudo2.pdf	22:16:59	Vasconcellos	Aceito
Outros	FICHAEstudo2.pdf	30/03/2018 22:16:25	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Outros	FICHAEstudo1.pdf	30/03/2018 22:15:38	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	30/03/2018 22:13:59	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Outros	CLINICAFISMA.pdf	30/03/2018 22:10:19	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Outros	folhaGAP.pdf	30/03/2018 22:10:04	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Outros	TERMODECONFIDENCIALIDADE.pdf	30/03/2018 22:09:17	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTOFISMA.pdf	30/03/2018 22:07:11	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTODEAM.pdf	30/03/2018 22:07:00	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoestudo3.pdf	30/03/2018 22:06:49	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoestudo1.pdf	30/03/2018 22:06:31	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetoviolenciaguardachuva.pdf	30/03/2018 22:06:10	Silvio José Lemos Vasconcellos	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 09 de Novembro de 2018

Assinado por:  
**CLAUDEMIR DE QUADROS**  
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. Itoraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar

Bairro: Camobi

CEP: 97.105-970

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3220-9362

E-mail: cep.ufsm@gmail.com